

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**AÇÃO EDUCATIVA MUSEAL:  
MARCAS INSTITUCIONAIS E REGISTROS DOCUMENTAIS**

**GRECIENE LOPES DOS SANTOS**

**Belo Horizonte  
2008**

GRECIENE LOPES DOS SANTOS

**AÇÃO EDUCATIVA MUSEAL:  
MARCAS INSTITUCIONAIS E REGISTROS DOCUMENTAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social

Linha de pesquisa: Educação Escolar: Instituições, Sujeitos e Currículo.

Orientadora: Profa. Dra. Sylvania Sousa do Nascimento.

Belo Horizonte

2008

Greciene Lopes dos Santos

**AÇÃO EDUCATIVA MUSEAL:  
MARCAS INSTITUCIONAIS E REGISTROS DOCUMENTAIS**

Dissertação defendida no dia 28 agosto de 2008 e avaliada pela banca  
examinadora composta pelos seguintes professores:

---

Profa. Dra. Sylvania Sousa do Nascimento

---

Prof. Dr. Mário de Souza Chagas

---

Profa. Dra. Maria Cristina Soares de Gouveia

*Dedico este trabalho à Lide – “encantada” – à Amélia por me apresentar à “Educação” e a Ana Maria, que me ensinou que a vida é um dom divino.*

## AGRADECIMENTOS

*Caminhos do Coração*

*[...] e aprendi que se depende sempre, de tanta muita diferente gente. Todas as pessoas sempre são as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas [...] É tão bonito quando a gente sente, que nunca está sozinho, por mais que pense estar[...]*

*Gonzaguinha*

A “Deus”,

A minha orientadora Sylvania, sempre cuidadosa, afetuosa, generosa... uma orientação primorosa. Aqui o sentimento fala mais do que as palavras...

Ao Adriano, companheirismo e amor de toda uma vida.

Às minhas irmãs, pelo carinho, amizade e paciência.

À toda a equipe da Superintendência de Museus da Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais, em especial à Maria Clara, Aline, Vinícius e Meiri.

As equipes dos Museus, do Crédito Real, Casa Alphonusus de Guimaraens, Casa Guignard, Casa Guimarães Rosa e Mineiro.

Rodrigo, mais que um amigo, sua disponibilidade e generosidade comigo, não tem preço! Sua ajuda foi de fundamental para a pesquisa!

À minha querida amiga Gilmara, pelo suporte intelectual indispensável em todos os momentos deste trabalho.

Ao Grupo LEME - Laboratório de Estudos Museu e Educação.

Flavinha, Eliane, Cida, Villani, Aninha, Michelle, Eugênia a torcida, o carinho, as palavras de incentivo, obrigado!

A família do Adriano, todos me ajudaram indiretamente.

Aos funcionários da Secretaria da Pós-graduação da FaE, pela forma delicada e gentil com que sempre procuraram atender aos alunos na solução de nossas infindáveis dúvidas burocráticas.

Ao CNPq, pelo suporte financeiro, viabilizando a utilização dos recursos necessários à pesquisa.

À UFMG, pelas oportunidades oferecidas desde a graduação.

Meu carinho a todos!

“O mineiro é um ser reflexivo, com segundos propósitos e enrolada natureza. É uma gente imaginosa, pois que muito resiste a monotonia. E boa – porque considera este mundo como uma faisqueira, onde todos tem lugar para garimpar. Mas nunca é inocente. O mineiro traz mais individualidade que personalidade. Acha que o importante é ser, e não parecer, não aceitando cavaleiro por argueiro, nem cobrindo os fatos com aparatos. Sabe-se que “agitar-se não é agir”. Sente que a vida é feita de encoberto e imprevisto, por isso aceita o paradoxo”.

ROSA, João Guimarães. Minas Gerais, 1970. In: Ave, palavra. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1978, p. 220.

## RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em identificar, na documentação pesquisada, os registros que a Superintendência de Museus da Secretaria de Cultura de Minas Gerais tem sobre a ação educativa que desenvolve junto aos museus que coordena. O corte cronológico definido para este trabalho contempla desde a criação da SUM-SECMG, em 1979, até 2004. A pesquisa foi desenvolvida com dois aportes metodológicos. A pesquisa documental catalogou e analisou o acervo de 25 anos utilizando uma planilha única de avaliação do conteúdo dos registros. Essa análise evidenciou um discurso institucional marcado pela presença de atendimento às escolas. Constatadas muitas lacunas de registro, três entrevistas com os atuais diretores dos museus mais presentes nos relatórios foram realizadas. As entrevistas foram analisadas discursivamente e apontaram as visões de museu e de ação educativa desses diretores. Concluímos dessas análises que a ação educativa, em suas diversas denominações se constitui em um objeto de múltiplas facetas registrado no discurso oficial de forma linear e quantitativa. A percepção dos atores, no nosso caso limitada ao diretor dos museus, complementa as diversas tensões imbricadas nessas ações.

Palavras-chave: Museu, Ação Educativa, Educação, Educação não-formal

## ABSTRACT

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

I – MUSEU MINEIRO – (P.21)

II – MUSEU CASA GUIGNARD – (P.22)

III – MUSEU CASA GUIMARÃES ROSA – (P.24)

IV – Museu Casa Alphonsus de Guimaraens – (P.26)

V – Museu do Crédito Real – (P.27)

VI – Portaria 65/79 – (P.56)

VII – Portaria 65/79 – (P.57)

VIII – Convite – MCG e MCAG – (P.62)

IX – Ação Educativa Guignard – São Bartolomeu – (P.67)

X – Ação Educativa Guignard – São Bartolomeu – (P.68)

XI – Ação Educativa Guignard – Paisagem de Ouro Preto – (P.68)

XII – AÇÃO EDUCATIVA MIGULINS – MCGR – (P.70)

XIII – CALENDÁRIO – SUM – (P.74)

## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AAMM** – Associação de Amigos do Museu Mineiro

**CECA** – Comitê de Educação e Ação Cultural

**CECIMIG** – Centro de Ciências e Matemática de Minas Gerais

**CEMIG** – Companhia Elétrica de Minas Gerais

**CIDOC** - Comitê de Documentação

**COEP** – Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG

**DEMU** – Departamento de Museus e Centros Culturais

**FaE** – Faculdade De Educação

**FUNARTE** – Fundação Nacional de Arte

**Grupo** – Grupo Contadores de Estórias Miguilim

**ICOM** – Conselho Internacional de Museus

**IPHAN** – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**MCGR** – Museu Casa Guimarães Rosa

**MCG** – Museu Casa Guignard

**MHN** – Museu Histórico Nacional

**MM** – Museu Mineiro

**MCAG** – Museu Casa Alphonsus de Guimaraens

**MCR** – Museu do Crédito Real

**PCNs** – Parâmetros Curriculares Nacionais

**SPHAN** – Serviço de Patrimônio Artístico Nacional

**SEC** – Secretaria de Cultura

**SESC** – Serviço Social do Comércio

**SMA** – Superintendência de Museus e Outros Acervos

**SUM/ MG** – Superintendência de Museus do Estado de Minas Gerais

**TCLE** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**USP** – Universidade São Paulo

**UFMG** – Universidade Federal de Minas Gerais

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>A PESQUISA E A PESQUISADORA .....</b>	<b>13</b>
OBJETIVO GERAL.....	17
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	18
<b>CAPÍTULO 1.....</b>	<b>19</b>
<b>SUPERINTENDÊNCIA DE MUSEUS DO ESTADO DE MINAS GERAIS: ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE MUSEOLÓGICA.....</b>	<b>19</b>
1.1-SUPERINTENDÊNCIA DE MUSEUS.....	19
1.2 - MUSEU MINEIRO – BELO HORIZONTE.....	21
1.3 - MUSEU CASA GUIGNARD – OURO PRETO.....	22
1.4 - MUSEU CASA GUIMARÃES ROSA – CORDISBURGO.....	23
1.6 - MUSEU DO CRÉDITO REAL - JUIZ DE FORA.....	27
1.7 – MUSEU: HISTÓRIA E CONCEITO.....	28
1.7.1 – <i>Os museus no Brasil</i> .....	31
1.7.2– <i>Algumas definições de museu</i> .....	32
1.8 - ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO EM MUSEUS.....	37
<b>CAPÍTULO 2 A PESQUISA: LOCAL, SUJEITOS E PERCURSOS.....</b>	<b>42</b>
2.1 – ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS.....	42
2.2 – SUJEITOS DA PESQUISA.....	47
2.2.1 – <i>Sujeitos Institucionais</i> .....	47
2.2.2 – <i>Sujeitos Sócio-Históricos</i> .....	47
2.3 – PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	48
2.3.1 – <i>Exploração Inicial</i> .....	48
2.3.2 – <i>Ferramentas para a coleta de informações</i> .....	48
2.3.2.1 - <i>Organização dos dados documentais</i> .....	49
2.3.3 – <i>Entrevistas</i> .....	50
2.3.3.1 – <i>Transcrição das entrevistas</i> .....	51
2.3.3.2 – <i>O contexto das entrevistas</i> .....	51
2.3.3.3 – <i>Análise das entrevistas</i> .....	52
<b>CAPÍTULO 3 ANÁLISES E RESULTADOS.....</b>	<b>54</b>
3.1 – A AÇÃO EDUCATIVA NOS DOCUMENTOS.....	54
3.2 - AS ENTREVISTAS.....	75
3.2.1 - <i>Uma interpretação: Gaspar; Baltazar e Belchior</i> .....	76
<b>CAPÍTULO 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PESQUISADORA, PESQUISA, MEMÓRIA E AÇÃO EDUCATIVA.....</b>	<b>92</b>
4.1 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	92
4.1.1 - <i>Cruzando informações</i> .....	94
4.2 – REVISITANDO A AÇÃO.....	95
4.3 – CONCLUSÃO.....	99
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>102</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>110</b>
<b>TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>110</b>

## **Apresentação**

---

### **A pesquisa e a pesquisadora**

Cultura é produto da vida social e da atividade social humana. É por isso que só de levantar a questão do desenvolvimento do comportamento cultural, estamos introduzindo diretamente o plano do desenvolvimento social.

Vygotsky

(50 Grandes Educadores Modernos, 2007, p.50).

A presente pesquisa teve como principal objetivo investigar os registros que a Superintendência de Museus da Secretaria de Cultura de Minas Gerais mantém sobre a ação educativa que desenvolve junto aos museus que coordena. O interesse por esta pesquisa, bem como a escolha do tema, estão intimamente relacionados à trajetória acadêmica da pesquisadora.

Graduei-me em Pedagogia pela Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no ano de 1999. Durante o processo de formação acadêmica sempre procurei novos espaços de educação e foi nessa busca que tive a oportunidade de fazer um estágio na Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG), no período de março a novembro de 1999. Trabalhava com alfabetização de jovens e adultos, daí a minha escolha pela habilitação “Educação de Jovens e Adultos”. Assim que

conclui a graduação fui aprovada no concurso da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais para o cargo de professora de alunos na faixa etária de 5 e 6 anos. Diante desse novo desafio, a fim de obter embasamento teórico, solicitei continuidade de estudos na habilitação “Educação Infantil”. Terminada essa habilitação, constatei que precisava ampliar meu conhecimento na área de alfabetização, o que me levou a cursar mais uma habilitação, “Alfabetização, Leitura e Escrita”. Nesse período, em 2002, fui convidada para ser diretora de um Centro Infantil na cidade de Matozinhos, que atendia crianças de 0 a 6 anos. Conhecia o público, mas a função de gestão era nova, e por isso busquei novamente o suporte acadêmico, matriculando-me na habilitação “Gestão Educacional e Coordenação Pedagógica”. Nunca me afastei completamente da academia, pois sempre procurei conjugar teoria e prática ao longo da minha formação.

A oportunidade de dirigir uma escola foi uma experiência das mais significativas, visto que eu tinha autonomia para fazer um trabalho diferenciado. Foi como diretora que, junto com a equipe da escola, desenvolvi dois projetos. Um deles tratava da Educação Ambiental, no qual buscamos parceria com o projeto Manuelzão da Faculdade de Medicina da UFMG, projeto este que proporcionou muita visibilidade para a escola e a partir do qual as professoras começaram a trabalhar em ambientes não formais de ensino. Tínhamos o suporte dos alunos da Faculdade de Medicina, e com eles trabalhamos toda a comunidade escolar, com palestras, trabalho de prevenção com as crianças, as quais dispunham de assistência toda semana. Nessa parceria desenvolvemos vários projetos, dentre eles o de conhecer melhor o nosso Município e suas riquezas naturais. E foi neste novo projeto

que veio o trabalho em espaços não-escolares, como os parques, grutas e os museus. Selecionamos as grutas, por que nelas trabalharíamos a questão ambiental, dando seqüência ao projeto de educação ambiental que já estava em andamento, além do fato de Matozinhos fazer parte do circuito turístico das grutas. A primeira visita foi à Gruta do Balé, que fica em Matozinhos, local onde encontramos alguns pesquisadores da USP, que deram todo o suporte às crianças, respondendo às perguntas relacionadas aos materiais que eram encontrados nas escavações.

Após as explicações, os pesquisadores informaram que ao final do processo de pesquisa parte do material encontrado ficava em exposição em museus, e citaram como exemplo o Museu Arqueológico da Região de Lagoa Santa - Lapinha. Nesse sentido, surgiu o interesse em conhecer o museu, o que veio a se efetivar logo em seguida através de uma visita. Foi assim que tive o meu primeiro contato com museus. A partir daí, sempre estive atenta, curiosa, com relação a este espaço.

Durante a minha última habilitação, tive a oportunidade de fazer uma disciplina com a professora Sylvania Sousa do Nascimento, que na época estava exercendo o cargo de Superintendente de Museus. Na ocasião demonstrei o meu interesse pela área e ela me convidou para trabalhar em um projeto de pesquisa com a Associação de Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa. Fui conhecendo esse universo dos museus e aos poucos, quando me dei conta, já estava completamente envolvida. A partir da minha participação neste projeto fui convidada para trabalhar na Superintendência de Museus da Secretaria de Cultura de Minas Gerais, onde tive a oportunidade de atuar junto com uma equipe na ação educativa. E,

novamente às voltas com a minha necessidade de conjugar teoria e prática, comecei a desenvolver um projeto de pesquisa sobre a questão da educação em espaços não-formais de ensino, elegendo o museu como este espaço, para melhor compreendê-lo. Assim, da associação de todas essas situações, pessoas e lugares, nasceu o desejo de realizar a presente pesquisa, a qual passarei a descrever em detalhes.

Este trabalho realiza um estudo documental dos registros que a Superintendência de Museus da Secretaria de Cultura de Minas Gerais mantém dos projetos educativos desenvolvidos nos museus que coordena. A finalidade desse levantamento documental é conhecer os registros da SUM acerca da ação educativa desses museus e obter uma compreensão dos processos constitutivos da ação educativa museal dessas instituições.

Assim, algumas questões foram levantadas: Que tipo de registros os museus produzem das ações educativas? Como são feitos esses registros? Quem registra? Quais registros eles guardam? Que conceito de ação educativa eles possuem? Essas ações se transformam com o passar do tempo?

Até então, a SUM e os museus a ela vinculados, ainda não haviam sido contemplados com estudos que refletissem sobre o desenvolvimento de seus projetos educativos. A SUM é um órgão regulador para as políticas públicas dos museus para o Estado de Minas Gerais, e a forma como esse órgão se estrutura e direciona as suas ações educativas é revelador não apenas de como essas ações são desenvolvidas no âmbito dos museus que lhe são vinculados, mas também em outros museus do Estado.

Atualmente há cinco museus vinculados diretamente à SUM: o Museu Mineiro em Belo Horizonte; Museu Casa Guimarães Rosa em Cordisburgo; Museu do Crédito Real em Juiz de Fora; Museu Casa Guignard em Ouro Preto e Museu Alphonsus Guimaraens em Mariana. Ao pretender estudar o tema procurei compreender os limites e possibilidades da prática educativa em museus, bem como os diferentes enfoques possíveis de análise.

Dada a complexidade e diversidade dos registros documentais e, ciente do que uma pesquisa de mestrado pode responder, apresento, a seguir, os objetivos de pesquisa que orientaram a nossa investigação.

### **Objetivo Geral**

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em identificar, na documentação pesquisada, os registros que a Superintendência de Museus da Secretaria de cultura de Minas Gerais mantém sobre a ação educativa que desenvolve junto aos museus que coordena. O corte cronológico definido para este trabalho contempla desde a criação da SUM em 1979, até 2004. Lembramos que a dinâmica histórica é fluida, o que inviabiliza cortes definidos por datas marcadas em um calendário. Logo, será necessário tanto recuar quanto avançar no corte proposto, para compreender as transformações sofridas pela instituição nesse período.

### **Objetivos Específicos**

- Verificar quais são os registros documentais das ações educativas dos seguintes museus: Museu Mineiro; Museu Casa Guignard; Museu Casa Guimarães Rosa; Museu Casa Alphonsus de Guimaraens e Museu do Crédito Real;
- Identificar que tipo de registro eles possuem, o que se registrou, como se registrou, e quem registrou;
- Identificar a(as) concepção(ões) de ação educativa presente(s) nestes museus;
- Identificar a existência ou não de orientações teórico-metodológicas sobre as práticas educativas destes museus;
- Analisar as transformações ocorridas em suas ações nos últimos 25 anos;
- Contribuir para discussão acerca do papel dos museus na educação.

### **Estrutura da dissertação**

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma: Apresentação, que é esta introdução, na qual o objeto de pesquisa e a pesquisadora são apresentados. No capítulo 1, na primeira parte do texto, procuramos identificar a SUM e os museus ela vinculados. Foi feita a apresentação da revisão bibliográfica e do referencial teórico.

No capítulo 2 descrevemos a metodologia da pesquisa.

No capítulo 3 apresentamos os resultados e discussão dos mesmos.

No Capítulo 4, apresentamos as considerações finais da pesquisa ao discutir a memória da pesquisadora, e retomar os resultados e discussões, por fim, explicitar as conclusões.

## Capítulo 1

---

### **Superintendência de Museus do Estado de Minas Gerais: Elementos para a construção de uma identidade museológica**

A preocupação do homem com a memória é anterior à origem dos museus e constitui-se como campo de investigação. Devemos considerar que a memória é um conceito histórico e seu processo de construção e difusão possui um caráter político que se revela quando percebemos a afirmação de determinadas memórias e a exclusão de outras (COSTA, 2006).

#### **1.1-Superintendência de Museus**

Ao refletirmos sobre a criação de uma Superintendência de Museus como uma iniciativa do poder público, é importante considerarmos as discussões feitas por Le Goff (1984), em que ele afirma que “tornar-se senhor da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> LE GOFF, Jacques. Memória. In: *Memória História*. Enciclopédia Einaudi. Lisboa, casa da Moeda, 1984,p. 13.

A Superintendência de Museus – SUM – assume esse desafio desde a sua criação, em 1979. Nessa época, a instituição chamava-se Superintendência de Museus e Outros Acervos. Implantada em caráter experimental através da portaria 65/79, estava ligada inicialmente ao Instituto Estadual do Patrimônio Histórico Artístico de Minas Gerais - IEPHA. A proposta de estruturação de um órgão de gestão para os museus mineiros se fundamenta na necessidade do poder público em criar um espaço permanente de discussão e de produção de conhecimento das questões museológicas e museográficas.

A recém criada superintendência, composta pelo Museu Mineiro, Setor de Implantação de Museus e Setor de Coordenação de Museus, visava articular, juntamente com as superintendências de Conservação e Restauração, a ação museológica no estado. Em 1984, com a criação da Secretaria de Estado de Cultura, ela passou a integrar diretamente esta pasta com a atual denominação, tendo como competência elaborar estudos e pesquisas de criação e implantação, no estado, de museus e instituições congêneres de história, arte, ciência e tecnologia em suas diversas manifestações (decreto 23512 de 6/04/1984).

Em sua estrutura atual (decreto 44459/12/02/2007) a SUM se organiza em três diretorias: Diretoria de Gestão de Acervos Museológicos; Diretoria de Desenvolvimento de Linguagens Museológicas; e Diretoria de Desenvolvimento e Ações Museais. Além disso, é de sua competência a gestão de uma rede composta por cinco museus que lhe são subordinados: Museu Mineiro, em Belo Horizonte; Museu Casa Alphonsus de Guimaraens, em Mariana; Museu Casa Guignard, em Ouro Preto; Museu Casa Guimarães

Rosa, em Cordisburgo e Museu do Crédito Real, em Juiz de Fora (NASCIMENTO, 2006). A seguir, vamos caracterizar cada um desses museus.

## 1.2 - Museu Mineiro – Belo Horizonte



Fig.1 - Fachada do Museu Mineiro (foto do acervo SUM)

Sua história inicia-se em 1895, quando o decreto de regulamentação do Arquivo Público Mineiro atribui a essa instituição a responsabilidade de recolher e formar o acervo de objetos relativos à história, etnografia e história natural. O Museu Mineiro só veio a ser efetivamente implantado e inaugurado em 10 de maio de 1982, sendo unidade do sistema operacional da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, instalado no prédio (Figura 1) que já fora o Senado Mineiro e a Pagadoria do Estado. Nos primeiros anos de sua existência o Museu Mineiro realizou várias exposições temporárias,

contemplando diferentes temas pertinentes à sua vocação de espaço de guarda e difusão da cultura mineira.

Seu programa educativo inclui atividades junto às escolas das redes de ensino público e privado realizando projetos que visam maior aproximação entre o museu e a escola. Possui material didático específico e as visitas são monitoradas pela equipe educativa da superintendência (SUM-SEC-MG, 2007).

### 1.3 - Museu Casa Guignard – Ouro Preto



Fig.II - Fachada do Museu Casa Guignard (foto acervo SUM)

Alberto da Veiga Guignard chegou a Belo Horizonte em 1944 e permaneceu em Minas Gerais até a sua morte, em 1962. O mestre, em sua trajetória, foi responsável pela formação de artistas que romperam com a linguagem acadêmica, consolidando o modernismo nas artes plásticas de Minas. Para preservar e divulgar a sua obra, com ênfase no período em que ele viveu no estado, surgiu o Museu Casa Guignard, idealizado na década de 1960, inaugurado somente em 1987. O museu conta com um acervo

reduzido, mas permite ao público a acessibilidade da obra do artista que se encontra, em sua maior parte, disperso em coleções particulares. De fato, o museu surgiu juntamente com o projeto Guignard, inspirado em um projeto semelhante ao do pintor Portinari, desenvolvido pela PUC/RJ, tendo como objetivo localizar e divulgar a produção artística franco-brasileira, através da formação de um banco de dados. O Museu Casa Guignard foi concebido, portanto, para além de uma coleção circunscrita aos muros da instituição, numa proposta arrojada e inovadora, que prioriza a promoção do acesso cultural. O Museu está instalado em casa de arquitetura característica do século XVIII (Figura 2), de propriedade do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico de Minas Gerais (IEPHA/MG), cedida para esta função em 1984. O acervo da Casa reúne obras do autor, além de objetos por ele pintados e peças que ilustram sua vida. Exposições temporárias, projetos de pesquisa do acervo e um programa de ação educativa dinamizam o seu espaço (SUM-SEC-MG, 2007).

#### **1.4 - Museu Casa Guimarães Rosa – Cordisburgo**



Fig.III - Fachada do Museu Casa Guimarães Rosa(foto acervo SUM)

O Museu Casa Guimarães Rosa (MCGR) foi idealizado no contexto de fatos distintos, definidores para sua inauguração em 30 de março de 1975. A morte inesperada do escritor em 19 de novembro de 1974, três dias após ter tomado posse na Academia Brasileira de Letras, motivou apelos de amigos e intelectuais da época a fim de que fossem tomadas providências para homenageá-lo e também para preservar a casa onde nascera e passara a infância em Cordisburgo. Em 1984, o MCGR foi incorporado à estrutura da Superintendência de Museus do Estado de Minas Gerais. O MCGR conta com um acervo de 200 peças e 1200 documentos que registram a vida e a obra do escritor. Os objetos e documentos organizam-se nos espaços da casa e retratam a vida familiar do escritor, bem como alguns costumes das antigas famílias mineiras, como manter junto à casa um estabelecimento comercial (Figura3), a “Venda do Seu Fulô”, nome pelo qual era conhecida a venda do pai de Guimarães Rosa, Sr. Florduardo Pinto Rosa. Verifica-se que existe um forte envolvimento e comprometimento da comunidade de Cordisburgo com a preservação e a divulgação do patrimônio cultural da

cidade. Esse comprometimento da comunidade culminou, em 1995, com a fundação da Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa. Essa instituição colabora com a Secretaria de Estado da Cultura e com a SUM na gestão do MCGR, sendo responsável pela criação e pela coordenação do “Grupo de Contadores de Estórias Miguilim”, monitores que fazem parte do trabalho educativo do museu e responsáveis pelas visitas no museu (SUM-SEC-MG, 2007).

## 1.5 - Museu Casa Alphonsus Guimaraens – Mariana



Fig.IV - Fachada do Museu Casa Alphonsus Guimaraens (foto acervo SUM)

Afonso Henrique da Costa Guimaraens nasceu em 24 de julho 1870, em Ouro Preto e morreu em 15 de julho de 1921. Considerado um dos mais originais poetas da sua época e de nossa literatura, Alphonsus de Guimaraens consagrou-se como um dos principais autores simbolistas do Brasil.

A criação de um museu em Mariana que reunisse o acervo do poeta surgiu como proposta de sua família em 1971. A idéia foi consolidando e, em 1975, o governo do Estado de Minas Gerais adquiriu o prédio destinado a abrigar o museu, que foi restaurado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico de Minas Gerais (IEPHA/MG), entre 1976/79. Inaugurado em 1984, o museu foi, em suas origens, conceituado como uma Instituição Cultural voltada para o estudo, exposição e divulgação da vida e obra de Alphonsus de Guimaraens, fixando-se como um centro de pesquisa sobre a literatura mineira. Seu acervo é constituído por objetos pessoais do poeta, como peças

de mobiliário e equipamentos domésticos. Destaca-se valioso acervo textual, no qual se insere: correspondências particulares, originais de poemas, fotografias e obras raras, estimando-se 1.500 documentos e 240 livros.

Merece referência também o próprio prédio do museu, sobrado do fim do século XIX (Figura IV), localizado na Rua Direita em Mariana, que serviu de moradia para a família do escritor (SUM-SEC-MG, 2007).

### 1.6 - Museu do crédito Real - Juiz de Fora



Fig.V - Fachada do Museu do Crédito Real (foto acervo SUM)

O Museu Crédito Real foi criado em 21 de agosto de 1964, com o propósito de preservar a memória do Banco do Crédito Real, a mais antiga instituição bancária de Minas Gerais, fundada em fevereiro de 1913, no governo de Bueno Brandão.

Sua especialidade é a preservação da memória monetária. É ponto de referência para quem deseja estudar a história econômica e financeira de

Minas Gerais, guarda informações sobre operações bancárias do período compreendido entre 1889 e 1998. Seu acervo é constituído por aproximadamente 4000 peças, a exemplo do decreto de autorização de financiamento para a instituição do Banco, assinado pelo Imperador D. Pedro II; moedas, cédulas, livros de contabilidade; máquinas cofres, balanças; mobiliário, retratos, condecorações e uma Pinacoteca (Figura V).

Em outubro de 1997, com a privatização do Banco do Crédito Real, o Museu passou a ser administrado pela Superintendência de Museus do Estado de Minas Gerais (SUM-SEC-MG, 2007).

### **1.7 – Museu: história e conceito**

Neste ponto, não pretendemos aprofundar em questões museológicas, muito menos chegar a um conceito definitivo do que seja museu. Entretanto, visando compreender o nosso objeto de pesquisa, algumas considerações são pertinentes.

O museu caracteriza-se por ocupar um espaço, possuir uma coleção e estar aberto ao público. No entanto, a concepção de museu que possuímos hoje é resultado de uma evolução durante longo e largo período de tempo. Os museus surgiram, na sociedade moderna ocidental, em um contexto de preservação e de testemunho da memória e da cultura, inicialmente exercendo um papel de guardiões de acervos de natureza artística e histórica. Entre a contemplação das coleções individuais, o estabelecimento de instituições públicas e privadas, os museus entrelaçam uma rica história

até a constituição dos atuais espaços museais (NASCIMENTO e VENTURA, 2001).

O termo museu vem do latim *museum* que por sua vez se origina do grego *mouseion*, denominação, que na antiga Grécia, era o templo das musas. Segundo a mitologia grega, existiam nove musas, ligadas a diferentes ramos das ciências e das artes, filhas de Zeus com Mnemosyne, divindade da memória. O *mouseion*, ou casa das musas, durante a Antigüidade, funcionou como uma mistura de lugar de adoração com instituição de conhecimento. As musas, além de serem consideradas portadoras de uma memória absoluta, também possuíam o dom da premonição e uma poderosa imaginação criativa. Com suas habilidades especiais, as musas eram as responsáveis por alegrar os homens e fazer com que eles esquecessem suas tristezas e angústias. Logo, o *mouseion* passou a ser identificado como lugar onde os prazeres das artes e das ciências podiam ser desfrutados pelos homens. Contudo, os objetos que eram oferecidos e expostos no *mouseion* estavam ali, antes de tudo, para agradar as divindades, já que aquele era um lugar de adoração<sup>2</sup>.

Uma outra significação que esteve associada à palavra museu pode ser identificada entre as práticas romanas dos séculos II e III a.C. Durante as várias guerras travadas durante o período de expansão do seu império, os romanos formaram uma série de depósitos onde eram colocados os objetos oriundos dos saques realizados nessas ocasiões. De tempos em tempos,

---

<sup>2</sup> Sobre a origem da palavra museu e os vários usos que lhe foram atribuídos ver: SUANO, Marlene. *O que é Museu*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986

esses objetos eram reunidos em Roma e expostos em espaços conhecidos como museus para que ali fossem vendidos aos colecionadores.

Assim, retirados de seus lugares e funções de origem, esses objetos eram negociados como testemunhas do prestígio e do poder de Roma. Dessa maneira, a palavra museu passava a ser associada também à idéia de ostentação de força e poder.<sup>3</sup>

A noção contemporânea de museu, embora esteja associada à arte, ciência e memória, como na Antigüidade, adquiriu novos significados ao longo da história. Com o tempo, as coleções se especializaram, passaram a ser organizadas a partir de critérios que obedeciam a uma ordem atribuída à natureza, acompanhando os progressos das concepções científicas nos séculos XVII e XVIII. Abandonavam, assim, a função exclusiva de saciar a mera curiosidade, voltando-se para a pesquisa e para a ciência pragmática e utilitária.

Até o final do século XVII, os *cabinets de curiosités* constituíram uma importante face da museografia. O grande acervo constituído nesses gabinetes possuía acesso restrito e que era guiado pelo próprio colecionador apresentando o discurso do aventureiro, conquistador ou naturalista.

Muitas dessas coleções que se formaram entre os séculos XVI e XVIII, transformaram-se posteriormente em museus, tal como hoje são concebidos. Somente no final do século XVIII, foi franqueado, de fato, o acesso do público às coleções, marcando o surgimento dos grandes museus<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup>COSTA, 2005.

<sup>4</sup> NASCIMENTO, S. S. O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus. In: Dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna – 2005.

Nas primeiras décadas do século XX, começam a se registrar iniciativas que impulsionam a formação de órgãos que orientam as ações dos museus em todos os seus níveis. Surge então o ICOM (Comitê Internacional de Museus), que passa a receber o apoio da Unesco, partidário de uma nova museologia, preocupada com o desenvolvimento social e não apenas com a conservação do passado.

### *1.7.1 – Os museus no Brasil*

O surgimento dos museus no Brasil data do século XIX. Em 1818 há a criação do Museu Real, atual Museu Nacional, cujo acervo inicial se compunha de uma pequena coleção de história natural doada por D. João VI. Dos primeiros museus no Brasil, destacam-se dois museus etnográficos: o Paraense Emílio Goeldi, constituído em 1866 por iniciativa de uma instituição privada, transferido para o Estado em 1871 e reinaugurado em 1891, e o Paulista, conhecido como Museu do Ipiranga, surgido em 1894. Estes três museus se destacaram, na pesquisa etnográfica, no estudo e na divulgação das ciências naturais.

O século XIX ficou conhecido como “a era dos museus brasileiros”.<sup>5</sup> Estas instituições passaram a ser vistas como verdadeiros meios de ensino da história que se precisava ensinar. O Museu Histórico Nacional veio a constituir-se em órgão catalisador dos museus brasileiros, cujo modelo foi transplantado para outras instituições. O primeiro curso de Museologia foi criado sob a orientação de Gustavo Barroso, que funcionou no próprio MHN,

---

<sup>5</sup> MACHADO, Ana Maria. Cultura, ciência e política: Olhares sobre a história da criação dos museus no Brasil. In: *Museus: Dos Gabinetes de curiosidades a museologia moderna*. 2005.

entre 1932 e 1979, formando profissionais que atuaram na área em todo o país. Seguindo as diretrizes do MHN, os museus surgidos, especialmente a partir das décadas de 1930 e 1940, traziam as marcas de uma museologia comprometida com a idéia de uma memória nacional como fator de integração e coesão social<sup>6</sup>.

O surgimento de novos museus no país contou com a atuação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), criado em 1937. O SPHAN sustentou, desde a sua criação, o projeto do grupo de intelectuais modernistas como: Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Afonso Arinos de Melo Franco, entre outros escritores, arquitetos e restauradores.

As mudanças do significado de museu através dos tempos talvez possam ser compreendidas como uma trajetória entre a abertura de coleções privadas à visitação pública ao surgimento dos museus na acepção moderna, como instituições a serviço do público.

### *1.7.2– Algumas definições de museu*

Várias podem ser as definições dadas aos museus. Começamos por listar algumas delas dicionarizadas:

Templo das musas - (1789) Instituição dedicada a buscar, conservar, estudar o interesse duradouro ou de valor artístico, histórico. Ex: Museu Histórico Nacional. Derivação: por metonímia, local onde tais objetos são expostos. Ex: são peças dignas de figurar em um museu. Derivação: por

---

<sup>6</sup> ABREU, Regina. Síndrome de museus? In: *Museu de Folclore Edison Carneiro*. Rio de Janeiro: Funarte, 1996. Série Encontros e Estudos, 2.

analogia, coleção, reunião de objetos raros; miscelânea, variedade.

Houaiss, A. Dicionário da Língua Portuguesa, 2001.

Sm ( gr mouseion) 1. Coleção de objetos de arte, etnologia, história, técnica etc. 2. Lugar destinado ao estudo, à reunião desses objetos. 3. Casa que contém muitas conquistas da ciência e da tecnologia. M. de Belas Artes, pintura, escultura e gravura. M. Histórico: lugar onde a arte referente à história compõem uma série.

Michaelis–Moderno, Dicionário da Língua Portuguesa, 2000.

“Museu é um estabelecimento de caráter permanente, administrado para interesse geral, com a finalidade de conservar, estudar, valorizar de diversas maneiras e, principalmente, expor para deleite do público, um conjunto de elementos de valor cultural: coleções de objetos artísticos, históricos, científicos e técnicos, jardins botânicos e zoológicos, aquários”.

International Council of Museums (ICOM) – 1956

“Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, e que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe, com a finalidade de estudo, educação e lazer, os testemunhos do Homem e seu meio ambiente”.

International Council of Museums (ICOM) – 1989

A definição aprovada pela 20ª Assembléia Geral. Barcelona, Espanha,  
6 de julho de 2001 foi:

”Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade”.

Além das instituições designadas como “Museus”, serão consideradas incluídas nesta definição:

- Os sítios e monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos;
- Os sítios e monumentos históricos de caráter museológico, que adquirem, conservam e difundem a prova material dos povos e de seu entorno;
- As instituições que conservam coleções e exibem exemplares vivos de vegetais e animais – como os jardins zoológicos, botânicos, aquários e vivários;
- Os centros de ciência e planetários;
- As galerias de exposição não comerciais;
- Os institutos de conservação e galerias de exposição, que dependam de bibliotecas e centros arquivísticos;
- Os parques naturais;
- As organizações internacionais, nacionais, regionais e locais de museus;
- Os ministérios ou as administrações sem fins lucrativos, que realizem atividades de pesquisa, educação, formação, documentação e de outro tipo, relacionadas aos museus e à museologia;
- Os centros culturais e demais entidades que facilitem a conservação e a continuação e gestão de bens patrimoniais, materiais ou imateriais;
- Qualquer outra instituição que reúna algumas ou todas as características do museu, ou que ofereça aos museus e aos

profissionais de museus os meios para realizar pesquisas nos campos da Museologia, da Educação ou da Formação.

Para o Departamento de Museus e Centros Culturais – DEMU/MINC –

“As instituições museológicas são compreendidas como práticas sociais colocadas ao serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e comprometidas com a gestão democrática e participativa”. (DEMU /IPHAN/MINC – 2004)

Segundo o recém criado Sistema Brasileiro de Museus<sup>7</sup>, o museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e que apresenta as seguintes características:

- I - o trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações;
- II - a presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer;
- III - a utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social;
- IV - a vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a

---

<sup>7</sup> [www.museus.gov.br](http://www.museus.gov.br) – O que é museu? Arquivo capturado no dia 27/07/2008.

preservação de bens culturais em suas diversas manifestações;

V - a democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana;

VI - a constituição de espaços democráticos e diversificados de relação e mediação cultural, sejam eles físicos ou virtuais.

Sendo assim, são considerados museus, independentemente de sua denominação, as instituições ou processos museológicos que apresentem as características acima indicadas e que cumpram as funções museológicas.

Ainda na página ([www.museus.gov.br](http://www.museus.gov.br)) do Sistema Brasileiro de Museus, temos que:

Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose.

As definições valorizam tanto histórias locais quanto temas universais. Tudo isso implica na reorganização dos espaços internos e externos, permitindo transformar o museu em um local de hipóteses, de pesquisa, de prospectiva e educação (NASCIMENTO, 2007).

## 1.8 - Estudos sobre Educação em Museus

A concepção de museu que possuímos hoje é herdeira do conceito de museu construído no final do século XVIII e início do XIX na Europa. Nessa época, grande parte da população europeia ainda era analfabeta. Foi só após a Revolução Francesa que essa situação começou a se modificar. As revoluções burguesas foram responsáveis por reorganizar o saber e o conhecimento como forma de consolidar o poder recém adquirido. Sendo assim, a educação era percebida como instrumento de formação da população. “O museu prestava-se muito bem às necessidades da burguesia de se estabelecer como classe dirigente” (COSTA, 2005). Os museus históricos, em especial, funcionavam como estabelecimentos que tinham a finalidade de formar e educar futuros cidadãos que possuíssem uma identidade nacional, enfim, uma história que os unia em torno de uma nação. Percebemos desde esse momento, a forte ligação estabelecida entre os museus e a educação. A história das ações educativas nos museus brasileiros<sup>8</sup> não apresenta uma linearidade de ações, mas aponta alguns movimentos importantes, como a criação do curso de Museu, no Museu Histórico Nacional em 1932, seguindo com o incentivo do movimento das Escolinhas e clubes de arte infantil para aproximação das crianças aos museus nas décadas de 50, 60 e 70. As primeiras publicações brasileiras que ofereceram subsídios sobre educação em museus, em diferentes níveis, foram: em 1937, o livro *Organização de Museus Escolares*, de Leontina Sila Busch, São Paulo; em 1939: a conferência *A Função Educadora dos Museus*

---

<sup>8</sup> BEMVENUTI, Alice. *Museus e Educação em Museus: História, metodologias e projetos. Com análise de Caso: museus de arte contemporânea de São Paulo, Niterói e Rio Grande do Sul.*

organizada por Francisco Venâncio Filho, Petrópolis. RJ; Em 1946, a publicação de José Valladares, Salvador, BA; em 1858, o livro *A Extensão Cultural dos Museus*, de Edgar Sussekind de Mendonça, RJ; *Recursos Educativos dos Museus Brasileiros*, escrito por Guy de Holanda, RJ; a segunda edição<sup>9</sup> do livro *Museu e Educação*, de F. dos Santos Trigueiros, RJ; O texto *O Museu e a Criança*, que se encontra nos Anais do MHN de Sigrid P. de Barros, RJ. Além do um seminário, organizado pela Unesco, no MAM-Rio de Janeiro, com parte do programa dedicado a discutir o papel educativo dos museus, também em 1958<sup>10</sup>.

Em 1971, a Unesco solicitou a colaboração do ICOM para organizar uma mesa-redonda em 1972 em Santiago, Chile, sobre o papel dos museus na América Latina contemporânea. Foi um encontro histórico, que durou uma semana, diferentemente dos outros encontros precedentes, em que especialistas europeus ou norte-americanos falavam aos colegas latino-americanos, os quatro especialistas convidados eram todos da América Latina.

Duas noções essenciais se destacaram na mensagem de Santiago: a de museu integral, levando em consideração a totalidade dos problemas da sociedade, e a de museu como ação, como instrumento dinâmico de mudança social. Chegou-se a um conceito de patrimônio global a ser gerenciado no interesse da sociedade e seus indivíduos (Varine-Bohan, 1995; Santos, 1995).

---

<sup>9</sup> Segundo a Autora Alice Bemvenuteti: “não foram localizados documentos sobre a primeira edição, assim estamos considerando apenas a segunda edição, já revisada e ampliada”.

<sup>10</sup> VALENTE, Maria Esther. A conquista do caráter público do museu. In: Educação e Museu: A construção do Caráter Educativo dos Museus de Ciência. 2003.

O educador brasileiro Paulo Freire foi convidado para dirigir a mesa-redonda, mas não “pôde” participar, porque o delegado brasileiro junto à Unesco se opôs formalmente à sua designação, “evidentemente por razões puramente políticas”, nas palavras de Hugues de Varine<sup>11</sup> .

Na Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972), na Declaração de Caracas (1992), no debate internacional formalizado em cartas e recomendações de organismos como a UNESCO e o ICOM, no estabelecimento da Política Nacional de Museus (Brasil, 2003) e na Declaração de Salvador em 2007<sup>12</sup>, surgiram iniciativas e discussões que refletiram o esforço no sentido de tentar entender o público visitante e que deram um novo sentido às questões relativas ao papel cultural e educacional dos museus. Como instituição de pesquisa e de inovações educacionais o museu assume uma função social de síntese buscando interagir o passado, o presente e o futuro. Sendo um espaço de educação não-formal, cabe refletir sobre suas características.

O conceito de educação não-formal é amplo, referindo-se às diversas práticas e contextos. De acordo com Fernandes e Park (2007), a educação não-formal passa hoje por definições ainda em construção. Inicialmente a definição era feita em contraponto à educação formal, esta vinculada às práticas escolares. Assim,

[...] buscando traçar o percurso e o surgimento e usos do termo educação não formal, passamos por definições oferecidas por alguns autores, nos anos 70, inicialmente define o termo por antagonismo a educação formal escolar, pontuando as diferenças em termos de flexibilidade maior em relação a estrutura dos programas, formas de conteúdos abordados, investimento temporal, certificação, métodos...

---

<sup>11</sup> CABRAL, Magaly. Parcerias em Educação. CECA – Brasil, 2005.

<sup>12</sup> INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Declaração da cidade de Salvador. Brasília: Departamento de Museus e Centros Culturais/Iphan, 2007.

Posteriormente, nos anos 90, define o termo pensando em três funções: tendo papel complementar ao sistema formal-escolar, como uma alternativa e como papel suplementar. Nesse sentido, a oposição não é o foco, mas a perspectiva de ampliar as experiências... Para Afonso (1989) o conceito de educação não-formal não está no conceito de educação-formal, apesar de possuir alguns entrelaçamentos, é um outro conceito. É um acontecimento que tem sua origem em diferentes preocupações com a formação integral do ser humano, no sentido de considerar contribuições vindas de experiências que não são priorizadas na educação formal [...] (Fernandes; Park, 2007:131).

Atualmente, os dois espaços de educação, o formal e o não-formal, são pensados não somente em oposição, mas como espaços distintos que podem se entrecruzar, criar pontes e/ou criar embates.

Assumimos inicialmente que a ação educativa museal é uma atividade multifacetada que promove uma nova criação de significados na interação entre o discurso museal e o visitante.

Chamamos de ação educativa:

Os procedimentos que promovem a educação no museu, tendo o acervo como centro de suas atividades. Pode estar voltada para a transmissão de conhecimento dogmático, resultando em doutrinação e domesticação, ou para a participação, reflexão crítica e transformação da realidade social. Neste caso, deve ser entendida como uma ação cultural, que consiste no processo de mediação, permitindo ao homem apreender, em um sentido amplo, o bem cultural, com vistas ao desenvolvimento de uma consciência crítica e abrangente da realidade que o cerca. Seus resultados devem assegurar a ampliação das possibilidades de expressão dos indivíduos e grupos nas diferentes esferas da vida social. Concebida dessa maneira, a ação educativa nos museus promove sempre benefício para a sociedade, em última instância, o papel social dos museus. ([www.revistamuseu.com.br](http://www.revistamuseu.com.br)) capturado no dia 25/04/2008.

Hooper-Greenhill (1984)<sup>13</sup>, especialista inglesa em educação em museus, apresenta duas perspectivas educacionais que têm marcado o trabalho educativo nestas instituições. Indica que estas perspectivas são norteadas por teorias educacionais, que sofrem a influência das teorias do conhecimento (epistemológicas) e da aprendizagem. A primeira, positivista ou realista, compreende o conhecimento como exterior ao aprendiz, como um corpo de conhecimento absoluto nele mesmo, que é definido na medida em que pode ser observado, mensurado e objetivado; a segunda, construtivista, compreende o conhecimento como algo construído a partir da interação do aprendiz com o ambiente social, e nesse caso, a subjetividade é parte dessa construção. De acordo com esta autora, não existe um consenso sobre a melhor abordagem, levando em conta o quão complexo e cheio de nuances é o processo de interpretação feito pelos visitantes dos museus, o que indica a necessidade de mais pesquisas nesse campo.

Na pesquisa que realizamos, quando se fala de ação educativa museal, diferentes expressões aparecem, tais como: ação cultural, mediação educativa, educação patrimonial, ação educativa. Isso mostra a riqueza de possibilidades que um museu possui para tratar um mesmo tema.

---

<sup>13</sup> CAZELLE, Sibeles. MARANDINO, Martha. STUDART, Denise Coelho. Educação e comunicação em Museus: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: Educação e Museu: A construção do Caráter Educativo dos Museus de Ciência. 2003.

## Capítulo 2

---

### **A PESQUISA: Local, sujeitos e percursos.**

Apresentamos, neste capítulo, a descrição do método da pesquisa. Destacamos, ainda, as orientações e os procedimentos de coleta e análise adotados.

#### **2.1 – Orientações Metodológicas**

Esta pesquisa se insere na concepção de pesquisa qualitativa. A abordagem qualitativa é aqui entendida de maneira geral como o tipo de pesquisa que “busca a interpretação em lugar da mensuração, a descoberta em lugar da constatação, valoriza a indução e assume que fatos e valores estão intimamente relacionados, tornando-se inaceitável a postura neutra do pesquisador” (ANDRÉ, 1995:17). Dentro da pesquisa qualitativa optamos em trabalhar com três instrumentos: os documentos, as entrevistas e a inserção em campo.

Com relação à natureza dos documentos, Alves Mazzotti (2000, p.169) considera documento qualquer registro escrito que possa ser usado como fonte de informação. A definição de documento nos Parâmetros Curriculares Nacionais propõe uma ampla definição, a saber:

“São cartas, livros, relatórios, diários, pinturas, esculturas, fotografias, filmes, músicas, mitos, lendas, falas, espaços, construções arquitetônicas ou paisagísticas, instrumentos e ferramentas de trabalho, utensílios, vestimentas, habitações

e meios de comunicação. São ainda os sentidos culturais, estéticos, técnicos e históricos que objetos expressam, organizados por meio de linguagem escrita, oralidade, números, gráficos, cartografia, fotografia, arte” (Secretaria de Educação, 2000.op. cit. p.79).

Um documento se constitui no momento em que lanço o meu olhar interrogativo sobre ele e pergunto o seu nome, de que matéria prima é constituído, quando e onde foi feito, qual o seu autor, de que tema trata, qual a sua função, em que contexto sociocultural foi produzido e utilizado, que relação manteve com determinados atores e conjunturas históricas.

O documento é compreendido como “aquilo que ensina” ou, mais precisamente, aquilo que pode ser utilizado para ensinar alguma coisa a alguém. O ensinamento, como se sabe, não emana e não está embutido no documento, o documento é compreendido como “suporte de informações”. É interessante observar que as coisas não são documentos em seu nascedouro, por exemplo, o vestido que pertenceu a Maria Bonita, companheira de Lampião, hoje incorporado ao Museu Histórico Nacional, nasceu como uma roupa feminina, capaz de proteger e embelezar. Ele não surgiu com a função documental. Ele não surgiu como um objeto destinado a representar as ações dos cangaceiros e ou de problematizar as ações do Estado Republicano, por exemplo. Entretanto, hoje, ele é um documento e tem função representacional<sup>14</sup>.

No exterior, a documentação em museus é reconhecidamente relevante, tanto que, entre os comitês do ICOM destaca-se o CIDOC - Comitê de Documentação, na Europa e nos Estados Unidos, em que se desenvolvem projetos cuja contribuição é inquestionável. O desenvolvimento da documentação em museus foi um processo lento que passou por fases de

---

<sup>14</sup> CHAGAS, Mário. Cultura, patrimônio, memória e poder. In: [www.crnti.edu.uy/artes3.doc](http://www.crnti.edu.uy/artes3.doc). Capturado em 20/02/2008

acerto e erro, envolvendo, inclusive, uma certa tensão no seu exercício já que, dependendo da natureza das coleções que um museu abriga, são os curadores ou especialistas que a exercem.

Na década de 1960, o ICOM – através do CIDOC – Comitê de Documentação, assumiu a tarefa de tratar das padronizações e da compatibilidade, num plano internacional, entre registros de museus, recomendando o uso de etiquetas-padrão para a identificação do objeto, fichas catalográficas e inventários. Mas foram muitas as dificuldades enfrentadas em razão da multiplicidade de procedimentos que cada museu executava (OLCINA; 1986).

Na segunda metade dos anos 60, entra em pauta de discussão o uso de técnicas informatizadas. Em 1967, o CIDOC tenta coordenar os sistemas de documentação existentes formando o Grupo de Trabalho para a Documentação de Coleções (Working Group on the Documentation of Collections), visando às operações no plano internacional. Com essa tarefa o Comitê defrontou-se com a proposição de extrair procedimentos normalizados dos sistemas existentes que pudessem satisfazer a maioria dos sistemas informatizados. Desta forma, o Comitê conclui, numa reunião realizada em 1976, que a informatização não poderia resolver problemas de coleta sistemática de informações sobre a propriedade cultural, questão a ser adotada por políticas nacionais, mas poderia tratar do armazenamento, organização e comunicação dessa informação de modo rápido. Para conciliar as dificuldades que sucessivamente se apresentavam, em 1978 e 1979, o CIDOC se concentra em dois pontos considerados essenciais para a documentação: um estudo das necessidades dos museus de acordo com as

disciplinas de base (artes, antropologia, etnologia, etc.), com o objetivo de identificar as informações que cada área do conhecimento requisita diante de suas coleções; e o estabelecimento de um conjunto mínimo de dados para a descrição dos objetos de museu, essenciais para o gerenciamento das coleções (OLCINA; 1986).

Enquanto no exterior os principais museus posicionam-se na vanguarda das atividades de documentação e informação, no Brasil estão ainda em estágio inicial de organização e automação de acervos, com poucos exemplos nesse campo.

A situação da documentação e informação em museus, no Brasil, tem características próprias de um país no qual memória, patrimônio, identidade cultural e preservação se inserem de forma muito frágil nas políticas públicas culturais. Conseqüentemente, os museus brasileiros, por longos anos, vêm enfrentando crises, inclusive de manutenção, e avanços isolados não chegam a reverter o quadro geral.

As entrevistas, nosso segundo procedimento de coleta de informações para complementar a pesquisa documental, é considerada por Bourdieu (2003) como um procedimento que merece cuidados especiais do pesquisador. Esta escolha está baseada nas considerações de Bogdan e Biklen a respeito das estratégias para um pesquisador qualitativo:

É evidente que uma estratégia-chave para um investigador qualitativo no campo do trabalho consiste em evitar, tanto quanto possível, perguntas que possam ser respondidas com 'sim' e 'não'. Os pormenores e detalhes são revelados a partir de perguntas que exigem exploração (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 136).

Em coerência com tais recomendações, utilizamos a entrevista semi-estruturada como instrumento de investigação. De acordo com as autoras Ludke e André:

“[...] especialmente as entrevistas semi-estruturadas, onde não há imposição de uma abordagem rígida das questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista” (1986, p. 37).

As entrevistas foram elaboradas a partir de um esquema básico, não rígido, fundamentado na documentação que foi pesquisada, respeitando o encadeamento dos temas.

Não foi nossa intenção desenvolver uma pesquisa etnográfica, mas ela tem um cunho etnográfico, uma vez que a pesquisadora trabalhou um ano e cinco meses no local onde se desenvolveu a pesquisa, participando efetivamente da ação educativa, sendo parte de uma equipe maior, convivendo diariamente com a dinâmica do lugar. O método de investigação e interpretação etnográfica busca por meio de observações aprofundar os conhecimentos que revelem a concepção de mundo dos sujeitos pesquisados, com base em suas interpretações culturais e sociais. Desta forma, estivemos atentos às recomendações de Erickson (1989), que concebe que os trabalhos de campo devam ser cuidadosos e reflexivos ao descreverem os acontecimentos cotidianos do cenário estudado.

## **2.2 – Sujeitos da Pesquisa**

### *2.2.1 – Sujeitos Institucionais*

- Superintendência de Museus da Secretaria de Cultura de Minas Gerais

O desenvolvimento da pesquisa se deu junto ao Setor de Documentação da Diretoria de Gestão de Acervos Museológicos. A SUM possui uma Biblioteca onde todo o acervo documental referente à instituição e aos museus do estado é arquivado.

### *2.2.2 – Sujeitos Sócio-Históricos*

- Os Diretores dos Museus

Escolhemos três dos cinco diretores de museus que a SUM administra. É importante salientar que todos eles receberam nomes fictícios nesta pesquisa.

Os termos de esclarecimento foram entregues aos diretores junto com a transcrição da entrevista. O modelo do termo (ANEXO-I) utilizado neste trabalho é padrão nas pesquisas no Grupo que a pesquisadora se insere<sup>15</sup>, e está dentro do que é exigido pelo Comitê de Ética da UFMG. Cada um dos museus escolhidos guarda especificidades em sua ação educativa museal.

A escolha destes sujeitos se deve ao fato de ter sido identificada, nos registros documentais, uma ação educativa relevante nos museus

---

<sup>15</sup> LEME: Laboratório Estudos Museu e Educação, coordenado pela professora Sylvania Sousa Nascimento. Este trabalho está vinculado a pesquisa intitulada: “Museu e Escola: Um duplo olhar sobre a ação educativa dos museus de Minas Gerais”. Desenvolvida pela coordenação do Grupo, com o apoio da FAPEMIG.

administrados por eles e, como forma de complementar estes registros, optou-se pelas entrevistas.

## **2.3 – Procedimentos da Pesquisa**

### *2.3.1 – Exploração Inicial*

Para iniciar a pesquisa junto a SUM, foi agendada e realizada uma reunião de apresentação e esclarecimentos sobre os propósitos e objetivos da pesquisa com a administração da Superintendência de Museus.

A reunião aconteceu no dia 28 de outubro de 2007, nas dependências da SUM. Estavam presentes, a Superintendente Letícia Julião, a Orientadora, professora Silvania Nascimento, a autora desta pesquisa e Gilmara Lopes, autora de uma pesquisa já concluída sobre os Contadores de História Miguilins, do MCGR, que na época se encontrava em andamento. Foi entregue uma cópia do projeto, e todas as dúvidas foram respondidas pela pesquisadora e sua orientadora.

### *2.3.2 – Ferramentas para a coleta de informações*

Como já mencionamos, a questão da documentação em museus no Brasil ainda está em um estágio inicial de organização e automação de acervos, com poucos exemplos nesse campo.

Na SUM, percebemos que essa tendência se confirma, pois a documentação fica “guardada” em arquivos de metal, sem prática de arquivística e sem uma política de disponibilização.

Para começar a pesquisa documental, agendamos uma reunião com a técnica responsável pela Biblioteca, onde conversamos sobre o trabalho que se pretendia desenvolver e que a ajuda dela seria fundamental. Solicitei que ela me indicasse todo o material disponível sobre ação educativa, uma vez que a biblioteca se encontrava em reforma e ela estava reorganizando o acervo. Ela separou três caixas *box*, e me disse que tudo que havia de registro da ação educativa da SUM, estava dentro dessas caixas, e fez uma observação: “separei ação educativa e ação cultural, pois as nomenclaturas mudam com o tempo, mas é a mesma coisa”.

### 2.3.2.1 - Organização dos dados documentais

Para a organização dos dados montamos uma planilha com:

Descrição dos registros	Autor	Estado de conservação	Título	Observações
-------------------------	-------	-----------------------	--------	-------------

Foram feitas duas planilhas: a primeira com todos os registros encontrados; a segunda com os documentos separados por instituição. O procedimento encontra-se no ANEXO II. A partir de uma primeira análise, selecionamos quais documentos seriam reproduzidos. Usamos como tipo de reprodução xerox para os textos e digitalização para aqueles que continham imagens.

Foram reproduzidos documentos que se referiam ao histórico de fundação da SUM, e todos os que se referiam às ações educativas desenvolvidas pelos museus. Após a organização dos dados, definimos que

a metodologia de análise seria a Análise de Conteúdo, a qual é descrita por Bardin como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN 2004, p.37).

Assim, a Análise de Conteúdo tem as seguintes etapas:

- descrição das peculiaridades do documento;
- processo de tratamento dos dados através da inferência e interpretação.

A Análise de Conteúdo permite inferir o que se deseja comunicar, na ação escrita ou falada. Tem como objetivo alcançar uma significação, um sentido estável, conferido pelo locutor no próprio ato de produção do texto. Definida como um conjunto de técnicas de análise de comunicação, a Análise de Conteúdo aposta no rigor do método como forma de não se perder a heterogeneidade de seu objeto.

### 2.3.3 – Entrevistas

O objetivo central das entrevistas conduzidas neste trabalho foi compreender e explicitar as concepções que os diretores dos Museus pesquisados possuem em relação ao significado do que é museu e como percebem a ação educativa desenvolvida nas instituições que coordenam.

Todas as entrevistas foram concedidas no espaço do Museu Mineiro, em Belo Horizonte. As entrevistas tiveram duração média de 45 minutos cada uma e foram gravadas em mídia de áudio digital.

#### *2.3.3.1 – Transcrição das entrevistas*

As transcrições das entrevistas foram realizadas a partir dos arquivos de áudio digital. As entrevistas foram ouvidas e transcritas de forma literal, mas pontuadas, seguindo-se as regras gramaticais, objetivando a compreensão das mesmas durante a leitura. Todos os turnos de falas foram numerados seqüencialmente.

#### *2.3.3.2 – O contexto das entrevistas*

As entrevistas foram realizadas dentro do escopo de investigação de duas pesquisas – a presente dissertação de mestrado e a pesquisa de pós-doutorado intitulada “As origens e os propósitos dos museus de Minas Gerais<sup>16</sup>” de autoria da professora Silvania Sousa do Nascimento. Construimos um protocolo de entrevista semi-estruturado que nos orientou em todos os encontros com os diretores dos museus que nos receberam. O fato da entrevistadora ser uma professora universitária e ter assumido cargos políticos em um órgão público de regulação de museus marca bem uma presença institucional no contexto das entrevistas e pode ter sido um elemento inibidor da cessão da mesma.

---

<sup>16</sup> Projeto aprovado pelo COEP-UFMG (TIC 621/07) e financiado pelo CNPq

### 2.3.3.3 – *Análise das entrevistas*

Para realizar a análise nos apoiamos na corrente de Análise de Discurso. Apoiamo-nos na proposição de que:

A análise do discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem, com o estudo do discurso, observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2005.p.15).

Segundo Orlandi (2007), dentro da análise de discurso, “não temos como não interpretar”, mas não podemos interpretar de qualquer maneira, trata-se de uma maneira de problematizar as maneiras de ler, de modo a levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem.

A autora ressalta que a interpretação, uma contribuição da análise do discurso, nos coloca em estado de reflexão, onde não se pode ter a ilusão de sermos conscientes de tudo, nos permitindo ter uma relação menos ingênua com a linguagem. Dentro desse entendimento, discurso é a prática social de produção de textos, com diferentes leituras possíveis. Desta forma, todo discurso é uma construção social com suas condições de produção. Considerando-se que nossa análise será nosso modo de interpretar, de ler, de compreender os discursos produzidos pelos sujeitos em determinado tempo sócio-histórico, não teremos, assim, esgotado as possibilidades de análise (LOPES, 2008).

O próximo capítulo dedica-se, respectivamente, à descrição dos resultados, análise e discussão dos mesmos.

## Capítulo 3

---

### **Análises e Resultados**

Neste capítulo os resultados são apresentados e analisados. A apresentação será feita em duas partes: na primeira, descreve-se os documentos encontrados com análise dos mesmos. Num segundo momento as entrevistas são descritas e analisadas, de modo que as respostas dos diretores e suas concepções sobre museu e ação educativa são explicitadas.

#### **3.1 – A ação educativa nos documentos**

A princípio encontramos dificuldade com a documentação no sentido de saber separar o que era documento da Superintendência de Museus, e o que era documento do Museu Mineiro (MM). Estas duas instituições possuem uma “simbiose”, e os arquivos documentais em sua maioria encontravam-se juntos. Isso remonta ao fato de que o Museu Mineiro precede a SUM, e quando esta foi criada colocou o Museu Mineiro como sendo um de seus setores (ANEXO III).

Se a Superintendência de Museus e outros Acervos – SMA – é criada em 1979, e o Museu Mineiro só é inaugurado em 1982, existe aí um período de interesse para se questionar o que acontecia com o MM. Assim, começamos a procurar, na documentação disponível, o que havia de registro deste período, entre a criação da SMA e a abertura do MM. Encontramos um relatório (sem data, ANEXO IV), que tinha como finalidade o projeto

museológico do MM para o ano de 1985. Este relatório traz indícios deste período através de relatos de notas de jornais da época. Começa em 1978: em 02 de maio o “Diário de Minas”, em artigo intitulado: “Governo instalará Museu Mineiro na João Pinheiro”, noticiava também a aquisição da Coleção Geraldo Parreiras; O “Diário da Tarde”, em 05 de outubro de 1978, traz uma notícia com o título: “A Dama do Museu”, fazendo referência a Sra. Ana Amélia Faria, então a presidente da comissão encarregada de orientar a instalação do MM, um projeto coordenado pelo IEPHA. A Portaria Nº 65/79, de 03/10/1979, do IEPHA, em reestruturação do órgão, cria a Superintendência de Museus e Outros Acervos, incluindo o Museu Mineiro como um de seus setores, devendo promover sua organização, montagem, administração, conservação e promoção cultural. Implantada a SMA do IEPHA, incorporam-se no ano seguinte as coleções do Arquivo Público Mineiro, junto com a Coleção Geraldo Parreiras e elabora-se o anteprojeto para a criação do Museu Mineiro (IEPHA, Relatório de Atividades e Recursos, 1981). Disso inferimos que este foi um período de pesquisa e trabalho para a abertura do Museu em 1982.

Enfim, como percebemos o Museu Mineiro, ele vem incorporado a SMA como um de seus setores, tendo a sua coordenação compartilhada com a do Superintendente. Isto explica o fato das duas instituições terem a documentação atrelada.

Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico  
de Minas Gerais — IEPHA/MG  
FUNDAÇÃO

- 1 -

Rua da Bahia, 2.257 — Belo Horizonte — Minas Gerais

SUPERINTENDENTE

Requisito curricular: graduação em curso relacionado com as finalidades institucionais do IEPHA/MG e notório conceito no estudo especializado e prática profissional nos campos da História, História da Arte e Museologia.

- Atribuições:
- . prestar assessoramento permanente ao Diretor Executivo nos assuntos afetos à Superintendência e, quando solicitado, em assuntos de interesse geral do Órgão;
  - . coordenar, em nível de programação, supervisão, orientação e execução, as atividades gerais dos Setores subordinados à Superintendência;
  - . propor à Diretoria Executiva a admissão de pessoal técnico e administrativo necessário aos Setores subordinados à Superintendência;
  - . estabelecer atribuições e responsabilidades do pessoal técnico e administrativo subordinado à Superintendência;
  - \*. exercer as funções inerentes ao cargo de Coordenador do Museu Mineiro;
  - . fornecer subsídios à Diretoria Executiva do IEPHA/MG para a definição da política

Fig. VI — Portaria 65/79 (Acervo SUM).

Levando em consideração o nosso questionamento de como a ação educativa é contemplada nos documentos, passamos a fazer a leitura dos mesmos marcando palavras chaves como: educação, ação educativa, ação cultural.

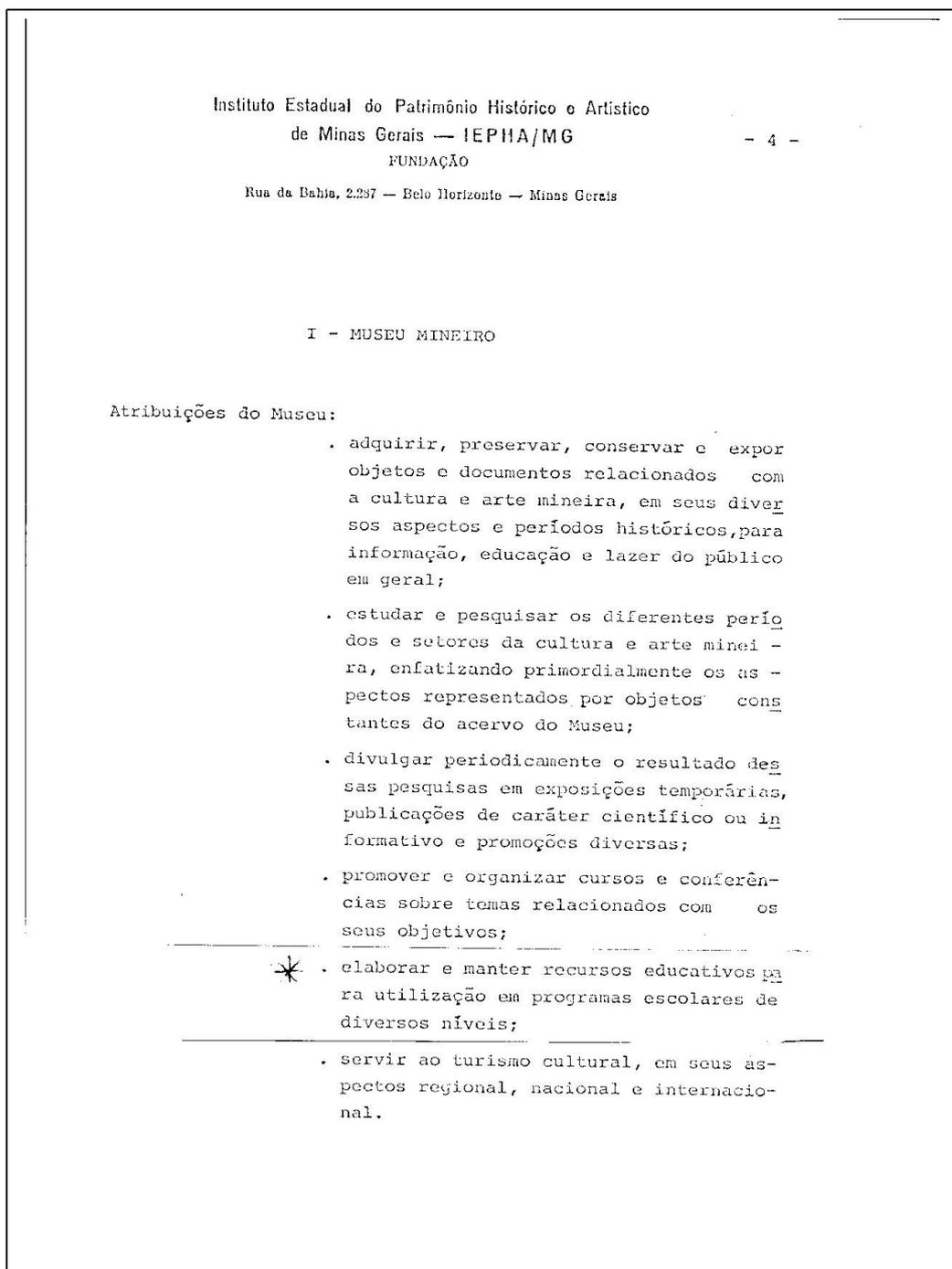


Fig. VII – Portaria 65/79 (Acervo SUM).

Como podemos perceber a parte educativa vem dentro das atribuições do Museu Mineiro, no item que é o de “elaborar e manter recursos educativos para utilização em programas escolares de diversos níveis”. Dentro do quadro de técnicos, temos o Técnico em Atividades Educativas.

Um destaque para as atribuições deste técnico:

“Fazer a ligação entre o museu e a comunidade, tendo em vista primordialmente o público escolar de primeiro e segundo graus” (Portaria N° 65/79).

Aqui podemos inferir como a SMA, já na época da sua criação, percebe a ação educativa: uma ação como complemento da escola.

Em 1984, com a criação da Secretaria de Cultura, a SMA passa a integrar diretamente a pasta com a denominação atual (decreto 23512 de 06/04/1984). Em um Relatório de Atividades (ANEXO V), que contempla o período de setembro 1983 a março de 1987, na gestão de Priscila Freire, ela relata como encontrou a Instituição:

“quadro de pessoal precário, projetos sem possibilidade de viabilização, pouca divulgação e uma considerável inatividade no que se refere ao Museu Mineiro e ao Museu Casa Guimarães Rosa, até então suas únicas unidades implantadas” (FREIRE, 1985).

Este relatório é importante, porque traz as primeiras ações da SUM na área de ação educativa. Ele é descritivo, e não há uma reflexão sobre as ações, mas nos dá indícios do que cada museu fez e denominou como ação

cultural. Ele traz também as assessorias que a SUM desenvolvia nos museus do interior do Estado, mostrando a importância desta instituição para os museus mineiros.

Analisando o relatório, listamos cronologicamente a seguir, as ações educativas de cada museu separadamente:

- Museu Mineiro

1983 – não há menção a nenhuma atividade educativa específica.

1984 – Exposição temporária da Escultora Jeanne Milde, a qual vem com a observação de duas visitas orientadas com atividades educativas para alunos do Instituto Montessori Criança Feliz de Belo Horizonte.

E em um relatório do setor educativo (ANEXO VI), esta exposição e a ação educativa realizada junto a ela foi toda registrada, nele consta que foi feita uma avaliação com 89 alunos (faixa etária de 7 a 12 anos), onde se perguntou o conceito de museu para estes alunos. O relatório traz a informação dos dados coletados e uma conclusão do modo como as crianças perceberam o museu naquele momento. Este relatório não está assinado, diz que as crianças já vieram com as informações que costumam ter as turmas antes das visitas. Esta informação foi transmitida por Aída Ferrari, professora de Educação Artística da escola na época.

1985 – Em vista do laudo técnico do IEPHA/MG, o museu pára suas atividades para reparos no prédio e reformulação museográfica.

1986 – Começa o projeto “Férias no Museu I” – atendimento a 180 crianças com atividades educativas.

- Projeto “Museu Escola” – visitas orientadas para 160 alunos da rede estadual de ensino.

- “Férias no museu II” – atividades educativas com crianças, em três módulos: Um dia no museu, 160 crianças; Conhecendo nossa cidade, 40 crianças; Descobrimo o museu, 30 crianças.

- Projeto “Relembraças” – atividades culturais semanais com idosos; promoção conjunta com a Divisão de Educação do SESC.

1987 – “Projeto Museu Escola” – visita orientada para 80 crianças da rede estadual de ensino, como complementação da exposição temporária: “Tinha que ser Minas? Ensaio de Política Mineira”.

- “Férias no museu III” – Curso Aprenda a fotografar, para crianças e adolescentes, com exposição dos trabalhos realizados.

- Projeto experimental – “ver com as mãos” – visitas orientadas e atividades culturais com deficientes visuais.

Como podemos perceber, a ação cultural do MM, é voltada para o público escolar, tem uma dinâmica de atendimento a públicos diferenciados, como deficientes visuais, idosos, mas o foco é a escola, mesmo por que, nas atribuições do técnico da SUM, já vem sinalizado que a parte educativa tinha que ter em vista “primordialmente o público escolar”.

•Museu Casa Guimarães Rosa:

1984 – Férias em Cordisburgo - atividades educativas com crianças.

Logo em seguida a informação que o Museu pararia as atividades e fecharia para reestruturação.

1985 – Projeto Experimental “Encontro no Museu” atividades quinzenais com crianças.

- Cursos de gaiolas e arapucas para crianças.

- Cursos de Bonecas de pano para crianças.
- Concurso de Redação sobre a “História da Moranga Híbrida”.
- Gincana estudantil sobre a “História da Moranga Híbrida”.
- Atividades educativas culturais semanais com crianças, desenvolvidas pelas estagiárias normalistas.
- Exposição dos trabalhos (desenhos e redações) sob o tema a “Paisagem de Cordisburgo”.
- No mês de dezembro, festa de encerramento das atividades educativas culturais – Entrega do Prêmio do “Iº Concurso de presépios de Cordisburgo”.
- 1987 – Projeto “Rua de Recreio” – atividades educativas com crianças nas praças da cidade.
- Visitas orientadas para as Escolas da cidade com painéis sobre vida e obra de Guimarães Rosa.
- Em dezembro “II Concurso de Presépios” – entrega dos prêmios, com apresentação dos grupos folclóricos, Folia de reis e Pastorinhas.

A programação do MCGR, também está voltada para público escolar. Aqui percebemos também o envolvimento de outros públicos, a comunidade está presente em várias outras atividades mencionadas.

•Museu Casa Alphonsus de Guimaraens e Museu Casa Guignard:

Em 1984, sobre o Museu Casa Alphonsus de Guimaraens, consta a informação de que no momento estava sendo desenvolvido o projeto museológico, e que o Museu Casa Guignard se encontrava em processo de implantação.

Em 1985, estes dois museus estavam com os prédios sendo restaurados pelo IEPHAMG.

Em março de 1987, estes dois Museus são inaugurados e abertos para visitação.

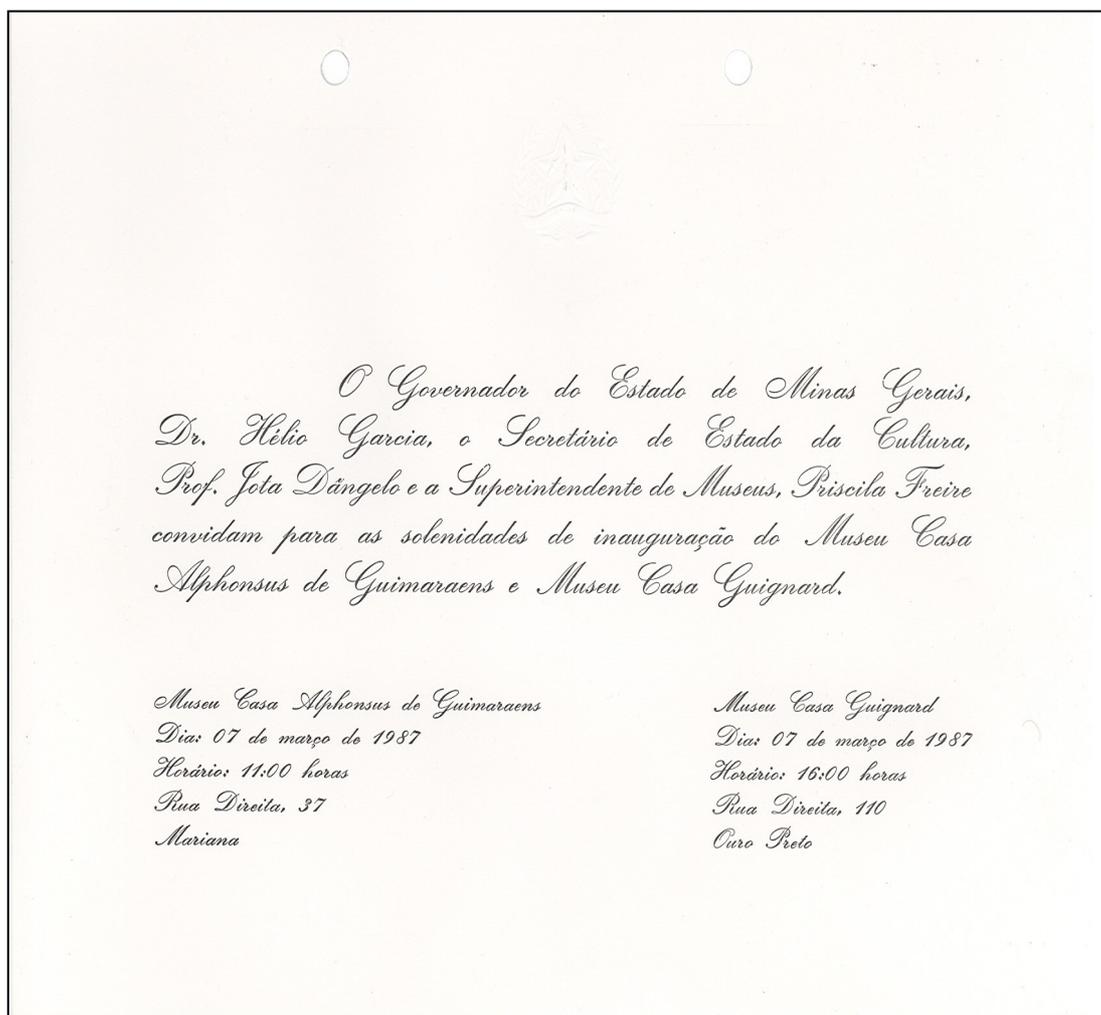


Fig VIII – Convite para Inauguração dos Museus – MCG e MCAG (Acervo SUM)

Em 1987, aparecem os primeiros relatórios do Núcleo de Ação Cultural do SUM assinados por uma equipe, esta equipe era: Aída Lúcia Ferrari, Edi Valente do Carmo, Lúcia Veado, Maria da Consolação S. Gontijo e Carlos de Vitta (ANEXO VII).

Tivemos acesso a três relatórios, um do mês de junho, e os outros dois são do mês de setembro, o que a princípio seria o mesmo em duas versões. O relatório de junho é um relato das atividades desenvolvidas em cada museu. Nas atividades do Museu Mineiro há a predominância de três projetos: Museu Escola, Projeto Férias no Museu e Projeto Relembraças, que são os mesmos projetos citados anteriormente.

Os museus do interior vêm com observações:

-MCGR, em Cordisburgo: O núcleo de ação cultural sente dificuldade quanto à ação comunitária, por falta de pessoal adequado para a realização deste trabalho em Cordisburgo.

-O MCAG, em Mariana: A ação cultural está sendo planejada com a administradora do museu.

-O MCG, em Ouro Preto: A ação cultural não foi ativada por falta de pessoal.

Aqui temos uma ação sendo tratada de uma outra maneira, como ação comunitária, mas não exemplifica o que, e nem por que ela é uma ação comunitária.

Em março de 1987, Priscila Freire, até então a superintendente de museus do Estado, deixa a direção da SUM.

Os próximos documentos encontrados, com relação à ação educativa / ação cultural, são basicamente dois tipos de documentos: um do projeto Museu Escola e o outro sobre o Projeto Férias no Museu, ambos do MM.

Do Projeto Férias Museu (ANEXO VIII), foi encontrado também notas de divulgação em jornais locais, estes registros não estão juntos, se encontram separados, em pastas variadas (ANEXO IX). Os registros deste

projeto vão até 1992. A documentação indica, que o ano de 1992 foi um ano atípico, especialmente para este projeto, conforme evidencia um único relato que encontramos dessa data, em que se fala da falta de material para o Projeto:

“[...] O Projeto Férias no Museu, foi realizado sem ajuda financeira. O material usado foi trazido pelas crianças, professores e funcionários da SUM, e o pagamento dos professores teve o patrocínio da coca-cola [...]” (Projeto Férias no Museu, 1992).

e prossegue:

“[...] as visitas dos museus diminuíram muito, pela falta de material de divulgação, folders e cartazes [...]”

Quanto ao segundo tipo de documento, referente ao Projeto Museu Escola (ANEXO X), foi encontrada uma documentação variada sobre ele. São vários projetos de variados museus do Estado, como por ex: Escola de Minas, Museu da Inconfidência e Museu de Arte Sacra de São João Del Rey.

No MM, este projeto teve início em 1986, e seus registros vão até 1996; assim, constatamos que se tratou de um projeto com uma duração significativa. É importante observar as justificativas dos projetos em suas muitas edições: No primeiro projeto:

“[...] é de fundamental importância incentivar uma integração maior entre o MM e os colégios de Belo Horizonte [...]” (Projeto: Museu e escola, 1987)

E ressalta dez anos depois que:

“[...] muitos projetos já foram elaborados pelo Núcleo de Ação Cultural da SUM, procurando alcançar este objetivo, entretanto, sem obter bons resultados tornando necessária a utilização de uma nova estratégia [...]”(1997)

E em uma nova versão diz:

“[...] aqui deve ser um local de descobertas, o museu assume o papel de complementador dos ensinamentos da escola, o que vem tornar-se necessário as constantes visitas dos grupos de estudantes e o desenvolvimento de atividades educativas que complementem as mostras [...]” (1992)

Em mais um:

“[...] criar através da educação formal, condições para a motivação e interesse da criança pela instituição museológica, levando-a participar das várias atividades que esta poderá lhe oferecer [...]” (1996).

E junto com estes registros algumas atividades que eram entregues para as crianças (ANEXO XI).

Os registros pesquisados nos arquivos da biblioteca sobre a ação educativa encerram-se no ano de 1996. Buscamos mais uma vez a ajuda da funcionária responsável pelo setor e, como ela tinha nos informado antes, tudo que tinha, ela já havia disponibilizado, nesta etapa pedimos a sua autorização para pesquisar nos arquivos de metal, pois já havíamos

pesquisado toda a documentação nas caixas anteriormente separadas. E foi nessa ocasião que ela nos indicou um arquivo da SUM onde estavam os Relatórios Anuais de Atividades, além dos arquivos dos museus, organizados da seguinte forma: eram arquivos de metal com 4 gavetas, o MCG com 1 arquivo, o MCGR e o MCAG dividiam o mesmo arquivo, com duas gavetas para cada um, e o MM com 3 arquivos.

Começamos pelos Relatórios de Atividades que não eram regulares, pois não havia tal documentação em todos os anos. Nestes relatórios haviam as exposições temporárias realizadas, mas não havia relato de ações desenvolvidas com estas exposições.

Nos arquivos dos museus, tivemos o cuidado de fazer um trabalho que poderíamos chamar de “arqueológico”, checando pasta por pasta de cada arquivo, pois percebemos que nem sempre o índice correspondia ao documento de dentro da pasta. Mas a maioria das pastas era de documentos administrativos ou sobre o acervo dos Museus.

Um arquivo nos chamou atenção, o do Museu Casa Guignard. As pastas sobre o acervo eram poucas. Neste arquivo encontramos indícios do que acontecia no museu e, em especial, na sua ação educativa. Começa no ano de 1987, com um projeto intitulado: “Oficina de Arte de São Bartolomeu”, (São Bartolomeu é um distrito de Ouro Preto), e algumas atividades realizadas por crianças em anexo.



Fig IX – Ação educativa MCG (Acervo SUM)

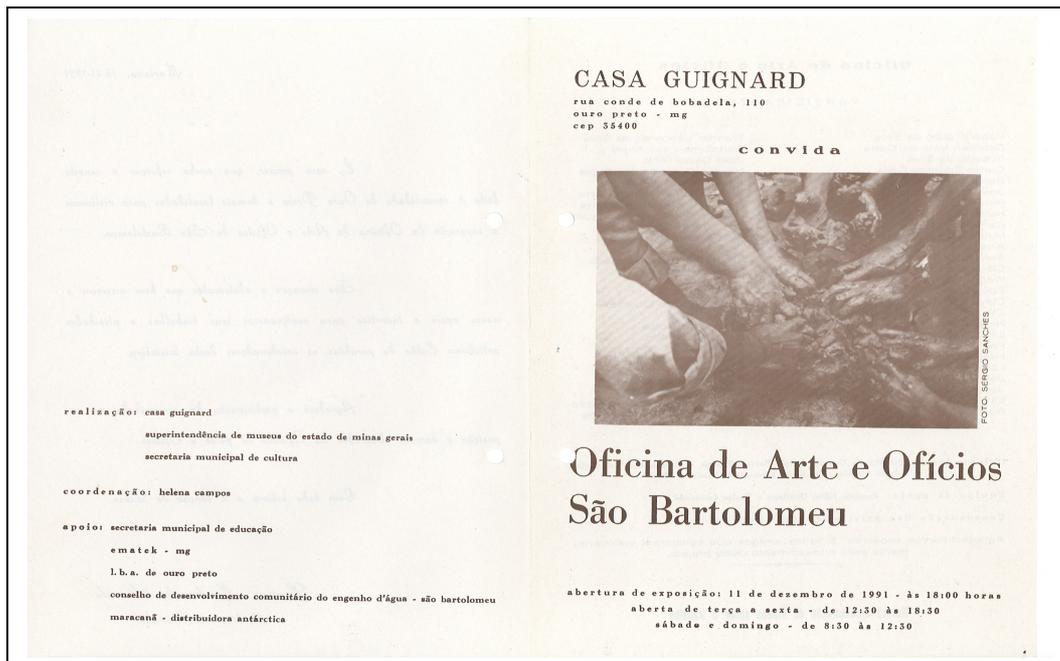


Fig. X - Ação educativa MCG (acervo SUM)

A partir do ano de 1992, encontramos vários projetos, como a “Oficina de Interpretação da Paisagem”, que trabalhou com a paisagem de Ouro Preto, e dos distritos de São Bartolomeu e Amarantina;

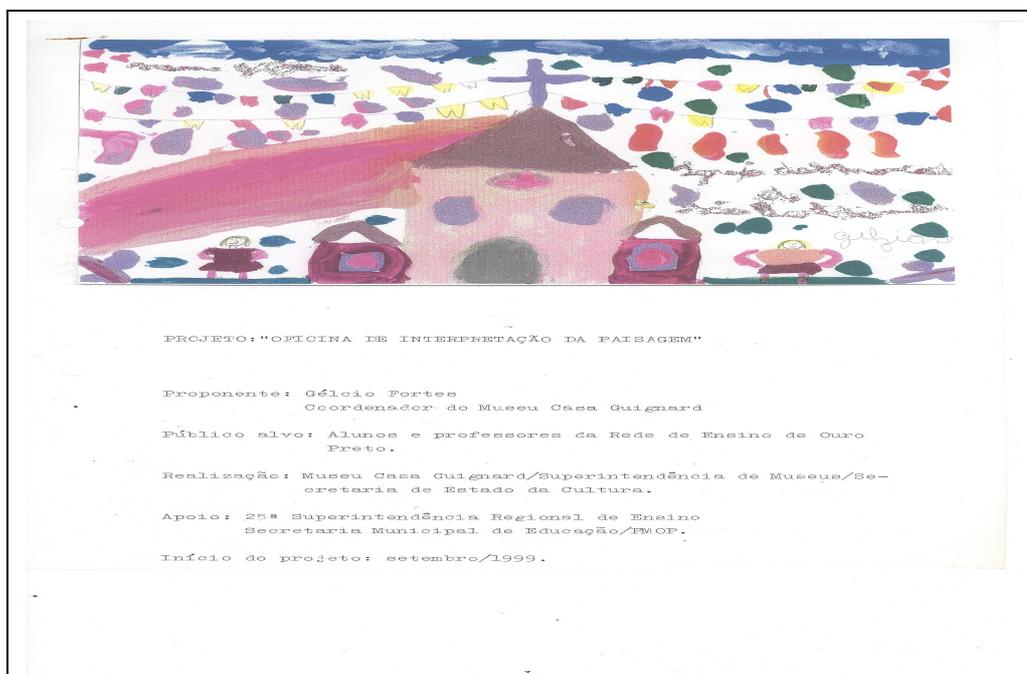


Fig. XI - Ação educativa MCG, 1999 (Acervo SUM).

Outro projeto, intitulado “Papo de Criança” (ANEXO XII), foi desenvolvido em parceria com a Prefeitura de Ouro Preto, e trata-se de um projeto revelador, pois utiliza dois suportes diferentes, o Rádio e a TV. Mas a documentação não dava detalhes de como o projeto funcionava, de como o programa era feito. Havia a seguinte informação:

“[...] Papo de criança é um projeto educativo voltado para o público infanto-juvenil com início em outubro de 1994 e apresentado todas as semanas na rádio cultura de Ouro Preto. O programa tem alcançado expressivo sucesso na cidade e distritos, bem como nas cidades vizinhas de Mariana e Itabirito, promovendo o aprendizado, através de uma linguagem não-formal sobre temas sinalizados pelas próprias crianças, o programa tem incentivado uma interação entre a escola e a comunidade de uma maneira geral [...]”(Projeto Papo de Criança, sem data)

Assim, este projeto nos chamou a atenção, por se tratar de uma ação muito inovadora, com um programa de rádio e de TV, uma oficina de comunicação dentro do museu.

O projeto que abriu as atividades educativas do ano de 1999 foi: “Visitas Orientadas ao Museu Guignard para professores”. Este projeto promoveu um encontro com os professores, onde eles fizeram um curso com duração de 8 horas sobre o tema: “Movimento Modernista, a vida e a obra de Guignard”. O objetivo deste projeto era “[...] trabalhar com os professores, para aproximar os espaços do Museu e da Escola utilizando o museu como recurso didático [...]”. E mais outro projeto, “Os passos de Guignard em Ouro Preto”. Deste projeto encontramos um CD, como um produto final do mesmo,

mas não conseguimos localizar o projeto escrito com os objetivos explicitados.

Esses registros têm um discurso formal, são documentos endereçados à gerenciadora, a SUM. São relatórios com as atividades realizadas e demandas para continuidade das mesmas (ANEXO XIII).

Nas gavetas do arquivo do MCGR, os registros encontrados da ação educativa são, em sua maioria, fotos de atividades realizadas, concursos de presépios, e nenhum projeto específico como norteador da ação educativa. Isso nos leva a entender que, nesse período, elas foram sempre atividades isoladas.

A documentação possui muitas fotos do Grupo Contadores de História Miguilim monitorando as visitas no museu, mas não contextualiza o grupo, não dá informações sobre como são preparadas essas monitorias.



Fig. XII – Ação Educativa MCGR, 2001 (Acervo SUM).

Nos arquivos do MCAG, não há indicação de atividades educativas, encontramos apenas um projeto de atuação integrada entre o Museu e a FUNART, tendo como proposta uma oficina de redação, mas sem os desdobramentos do que foi feito.

Com relação ao Museu do Crédito Real, encontramos apenas duas pastas, que ficam junto com a documentação da SUM, uma delas com o histórico da instituição e relatórios técnicos feitos pela SUM. A outra pasta tem o Termo de Compromisso de 1997, para a transferência de gestão do acervo para a SUM. Ou seja, não há atividade educativa documentada.

Para complementar a pesquisa, fizemos uma busca na rede de computadores da Diretoria de Linguagens Museológicas, com autorização de sua Diretoria. Encontramos seis documentos referentes aos anos de 2003 e 2004. Um deles era intitulado “3º Encontro para a formação da equipe de ação cultural” e que se tratava de uma pauta na qual podemos perceber que a discussão versava sobre a ação educativa do MM. Em um segundo relatório da mesma equipe, denominado de Planejamento 2004, é possível nomear quais ações relevantes foram desenvolvidas em 2003, pois este relatório dizia sobre a continuidade das mesmas para 2004:

A) Continuidade do processo de formação da equipe de agentes culturais – que consistia em seminários semanais sobre os temas: artistas das exposições, santos e as tradições populares ligadas a eles; visitas a outras instituições - museus, bibliotecas, ateliês de arte, etc.

B) Curso de formação dos vigias patrimoniais – o curso visava principalmente a transmissão de informações

necessárias aos trabalhadores de museus, à sensibilização para a especificidade deste local de trabalho e para a importância de todos se responsabilizarem pela sua preservação.

C) Parceria com a Escola Estadual Afonso Pena, próxima ao MM, e continuidade com a Escola Sandoval de Azeredo, que estava desenvolvendo um projeto sobre o Patrimônio Mineiro e levaria suas turmas ainda no primeiro semestre de 2004.

D) Preparação de material pré-liminar para os professores – explorar com mais propriedade o acervo do MM.

E) Exposições temporárias no conjunto de salas da ação cultural – montagem de exposições que mostrem os processos e os resultados dos trabalhos desenvolvidos pela ação educativa, pela restauração e documentação e pelas escolas visitantes.

(Equipe de Ação Cultural, Planejamento - 2004)

O relatório termina afirmando que o ano de 2003 foi marcado pelo início do “Projeto de Extensão Cultural do Museu Mineiro”, inserido em um amplo programa de revitalização institucional em curso desde de 1999, e que o projeto buscou aprimorar e diversificar as possibilidades de aproximação com o público por meio de atividades educativas.

Outro projeto, intitulado “Deficientes Visuais”, foi desenvolvido no MM com os alunos da Escola Estadual São Rafael. No projeto constava a visita desta escola.

Um outro texto com o título: “Museu e Escola: parceiros na identificação e valorização do patrimônio cultural mineiro”, de autoria de Adriana Piva e Fabíola Moulin Mendonça, ambas funcionárias da SUM e responsáveis pela ação cultural. O que encontramos de interessante neste

texto é que ele revela que a SUM, naquele momento (2004), vinha desenvolvendo um programa piloto de ação cultural junto ao MM – considerado museu laboratório para as ações da SUM. Desde 2002, quando a exposição de longa duração “O Coleccionismo Mineiro” do MM, é aberta ao público, foi iniciada uma ação educativa, que visava a formação e qualificação da equipe de difusão da SUM, no que diz respeito ao diálogo com o público e a compreensão da vocação do MM. O texto atesta que foi organizado também um novo espaço, uma sala de atividades educativas para exposição de trabalhos produzidos pelos alunos visitantes. E continua relatando que, apesar dos esforços, nota-se uma necessidade de se ter um trabalho contínuo com as escolas, de modo a escapar do caráter efêmero de uma única visita. Em função dessa constatação, foi aprovado na Lei Municipal de Incentivo a Cultura de Belo Horizonte um projeto de ação educativa (Calendário), que tinha como foco central a formação de professores. Além da aproximação do museu com a escola, o projeto visava uma reflexão sobre a cultura mineira. A publicação era constituída por um caderno do professor, com reflexões teórico-conceituais, e um calendário museológico de parede. Neste calendário, destacava-se a cada mês uma data comemorativa e um conceito museológico, trabalhados por meio de sugestões de atividades interdisciplinares que podiam ser realizadas na escola sob a orientação do professor. Nesse calendário imagens significativas do acervo dos museus da SUM foram inseridas, dicas de filmes, sítios de pesquisa, livros, CDs, entre outros recursos que enriqueciam as atividades propostas. Este calendário seria o eixo das atividades educativas para o ano de 2005

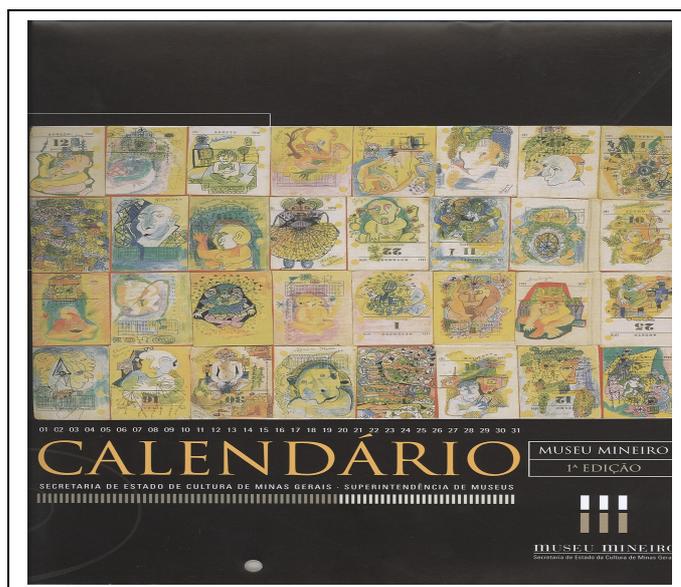


Fig. XIII – Calendário – SUM (Acervo SUM)

Aqui nestas últimas ações que pesquisamos, verificamos mais uma vez que a relação museu e escola continua sendo o foco da discussão da ação educativa que se faz. Sempre buscando alternativas para melhorar esta parceria.

Os documentos nos revelam uma ação voltada quase que exclusivamente para o público escolar. Na sua maioria, a documentação contempla a ação como complemento da escola. E a aproximação museu e escola é vista, quase que obrigatória para que se tenha uma ação de sucesso. Esta constatação permeia toda a documentação, de 1984, quando temos os primeiros registros a 2004, quando terminamos.

A documentação também faz referência a outras ações, uma delas é a “ação comunitária”, mas para esta ação, a equipe do núcleo de

ação cultural da SUM, sente dificuldades, e diz não ter pessoas capacitadas para trabalhar com ela. A ação do MCG, que se classifica de ação comunitária, não vê dificuldade em se trabalhar com a comunidade, os projetos afirmam que o objetivo principal de cada ação era a comunidade como um todo. Encontramos também, ações realizadas para os grupos de terceira idade, e ações para trabalhar com deficientes visuais, uma variedade de ações que foram sendo desenvolvidas. Como podemos perceber, a ação educativa que os documentos nos apresenta é uma ação que, dependendo de quem é o enunciador, tem uma face, e assim vão se construindo várias facetas de uma mesma ação.

Feita a análise dos documentos, que engloba o que se registrou nestes 25 anos, passamos a seguir para a análise das entrevistas.

### **3.2 - As Entrevistas**

Optamos por apresentar, em nossa análise, comentários seguidos de extratos da fala do entrevistado. A seleção das falas não ocorreu de maneira aleatória, mas parte da investigação da produção de sentido que toma como base a aplicação de um dispositivo teórico (ORLANDI, 2003), que considera que elas certamente estariam associadas às condições de produção imediatas à entrevista. O contexto de produção do discurso é fundamental para a compreensão da produção de sentidos considerando-se a utilização do instrumento da Análise de Discursos. Destacamos que esse tipo de análise não busca estabelecer uma lei empírica, mas, dentro da unicidade,

levantar possíveis interpretações do diretor<sup>17</sup>. Dessa forma, nas falas dos diretores, buscamos colocar em primeiro plano como que eles percebem o museu e a ação educativa desenvolvida nos museus que eles coordenam. Minha opção foi destacar nos discursos, elementos para caracterizar como estes dois conceitos são discutidos.

Assim, produzimos textos onde delineamos como se define museu e ação educativa, e como os diretores discutem estes dois conceitos.

As entrevistas que discutiremos aqui foram integralmente transcritas para posteriores análises, e numerados seqüencialmente os turnos de fala. Para discussão de nossa análise inserimos extratos indicando os interlocutores e o respectivo número do turno da fala. Para garantir a lisibilidade introduzimos uma pontuação e omitimos as repetições típicas da comunicação oral.

### 3.2.1 - Uma interpretação: Gaspar; Baltazar e Belchior

Gaspar
--------

2.[...] O museu tem a questão de estar preservando a memória [...]

2.[...] o nosso trabalho, atualmente, ele vem sendo desenvolvido muito bem, desenvolvido pela atuação de *mediadores*. Eles apresentam a casa e quando termina, eles dão referência da obra [...] acho que aí, o objetivo maior que eu vejo é que o museu hoje, para a cidade, ele é um centro cultural importantíssimo [...]

---

<sup>17</sup> NASCIMENTO, S. S; ALMEIDA, M.J. P; Objetos de museu, objetos de ensino: interpretações de um diretor de um museu de ciências, 2008. comunicação oral aprovada no X EPEF(Florianópolis).

Temos aí dois momentos de como Gaspar percebe o museu: primeiro com a função de “estar preservando a memória”, depois como um centro cultural. Em seguida ele faz um relato da história do museu:

6.[...] o museu foi inaugurado [...] na década de oitenta. O museu passou por umas reformas, na sua estrutura, na sua museografia, aí eu acho que a partir daí, ele passou a ser [...] como é que eu posso dizer, as pessoas começaram a se identificar com ele, as pessoas têm uma identidade que a partir daí começou a criar uma ligação das pessoas da comunidade com o museu [...]

Gaspar mostra que a comunidade é um fator importante, e precisa estar inserida no museu e completa:

6.[...] Quando foi criada a Associação dos Amigos do Museu, aí sim a comunidade foi inserida dentro do museu, e o museu tomou uma outra dimensão, certo, porque hoje a gente vê claramente, a participação da comunidade vindo ao museu. Então, hoje, eu acredito, têm uma dimensão muito forte junto a comunidade que vem ao museu [...]

Podemos inferir aqui que, para Gaspar, o museu só ganha dimensão quando a comunidade começa a freqüentá-lo. Quanto ao atendimento ao público:

36.[...] O atendimento ao público, ele é feito com as escolas, nós fazemos agendamentos. A maioria das escolas sempre agendam, [...]

E ressalta a importância das escolas pelo número de visitantes:

36.[...] interessante é o seguinte, que o maior número nosso, hoje, de visitantes, é de estudante. [...] Então, o interessante, é que eu não sei se hoje as pessoas redescobriram, não sei se eu posso falar isso, não sei... sei que tem aumentado muito o número de visitantes de escolas, sabe, a gente tem recebido muito [...] esse público é fiel [...]

Para Gaspar, o número de alunos recebidos no museu acaba dando o tom das visitas, por ser um número significativo, mas ressalta:

42.[...] acho que está faltando agora a gente eh... delinear um trabalho voltado para o nosso público de estudantes em nossa comunidade, já temos alguns encontros, com professores de escola, já foi realizado, mas não há um trabalho, assim... que aconteça permanentemente, deixa a desejar [...]

Ele volta com a importância de estar trabalhando com a comunidade local, por que:

46.[...] tem muito gente bacana no município, desde sessão de contação de história, apresentação de música, teatro, o ano de 2007 tinha um evento que foi rico, é por isso que eu te falei anteriormente que o museu, ele é o pólo, vamos dizer assim cultural, porque o que acontece, em termos culturais, parte do museu, por exemplo, tem um evento, que acontece todo ano e durante uma semana, acontece uma série de coisas, lançamento de livro, filmes, oficinas, shows, apresentações... algumas dessas coisas a gente sempre coloca para acontecer no próprio espaço do museu [...]

Aqui Gaspar insere a sua compreensão de que o espaço do museu precisa ser múltiplo.

46.[...] traz coisas não só para comunidade, mas para visitante, porque eu acredito muito, muito nesta questão, você vai formando o público, a partir do momento que você oferece pra ele alguma coisa [...]

E que para se formar público é preciso interagir com outras áreas, pois só se forma público se você oferece a ele novas possibilidades de diálogo. E ressalta que a ação educativa faz esse diálogo:

56.[...] é através da ação educativa realmente, que a gente vai aproximando das pessoas, e acredito até como educador, [...] não estou falando que o outro tipo de público não é importante, de forma alguma, mas eu vejo que quando você tem uma ação voltada, para o estudante [...] o resultado é outro, totalmente [...]

Aqui percebemos a relação Museu-Escola e podemos inferir que Gaspar acredita no trabalho que é feito com os alunos, o que é natural, pois ela é fruto da sua realidade no museu, onde o seu público maior é o escolar.

60.[...] Para o museu eu acho que é fundamental a participação [...] da comunidade, da Associação, [...] Porque você sai também, não fica só na obra [...] pura e só a obra, então é bacana você ver *uma ação educativa da comunidade*[...] é diferente da obra que está aqui dentro, é uma forma simples, mas que as pessoas gostam [...]

Gaspar não concebe o museu sem o contexto no qual ele se está inserido, a comunidade precisa dialogar com a obra.

No discurso de Gaspar, percebemos que a comunidade é um fator importante, e precisa estar inserida no museu. Podemos inferir aqui que, para Gaspar, o museu só ganha dimensão quando a comunidade começa a freqüentá-lo. Quanto ao atendimento ao público, ele ressalta a importância das escolas pelo número de visitantes. Para Gaspar, o número de alunos recebidos no museu acaba dando o tom das visitas, por ser em sua visão um número significativo.

É notório também em seu discurso que para se formar o público é preciso interagir com outras áreas, pois só se forma o público se você lhe oferece novas possibilidades de diálogo. E ele ressalta ainda que a ação educativa estabelece esse diálogo.

A relação Museu-Escola para Gaspar é muito importante, ele acredita no trabalho que é feito com os alunos, o que é natural, pois ela é fruto da sua realidade no museu, onde o seu público maior é o escolar.

Gaspar considera que a sua ação educativa se traduz nas práticas voltadas para o público escolar. Observamos no seu discurso a valorização do trabalho junto com as escolas. Ele não desvincula o museu da comunidade, ele a tem como uma parceira do museu nas atividades. Ele se coloca como mais um, de uma equipe maior. Além disso, pelo seu discurso, o museu, além de ter a função de preservar a memória, é também um Centro Cultural, um pólo cultural importante para aquela cidade, aquela comunidade. Gaspar compreende o museu como um espaço múltiplo.

Para Baltazar o museu tem como objetivo principal a conservação e a preservação:

8. Baltazar: [...] o grande objetivo mesmo do museu é preservar e conservar [...]

E mais a frente destaca o trabalho que vem desenvolvendo no museu hoje:

9. Baltazar: [...] O trabalho que a gente está fazendo no museu agora é um pouco de permitir que ele seja mais fluido, criar mecanismos que façam com que as pessoas penetrem, que cheguem ao museu, que compreendam que é uma coisa permeável mas também eu não quero que as pessoas venham ao museu para aprender coisas, eu quero ter a opção de vir ao museu compreender o museu como uma coisa minha, eu quero ir ao museu por que ele faz parte da minha vida, eu acho que talvez este seja o desafio, nem só do museu, mas o desafio do patrimônio mesmo [...]

Aqui Baltazar traça um outro objetivo para o museu além da preservação e da conservação, o museu precisa ir “além disso”, por que ele só vai ser preservado, ele só vai ser tratado da uma maneira correta se as pessoas se sentirem parte deste lugar, e este é um desafio, como fazer isso. E discorda da estratégia usada por algumas instituições que promovem mega eventos como forma de atrair público para o museu:

11. [...] eu não quero e não entendo as instituições promovendo mega eventos, parece que ela quer disputar um espaço que não é dela, um determinado museu promove uma big exposição, atrai a atenção para si mas é uma atenção localizada ela é dispersa, eu acho que temos que pensar mecanismos em que a população, nós consigamos perceber o espaço do museu [...]

E fala da sua experiência como visitante de museus:

11. [...] as vezes quando eu vou a um museu eu não vou visitar nada específico, eu vou como eu vou visitar um amigo, tenho uma lembrança de alguma coisa que é minha....uma casa que está lá no interior... da minha tia falando de memória de memórias individuais até, que eu não estou lá mas eu sei que ela existe e toda vez que eu entro naquele espaço eu percebo aquele espaço e mesmo que ele esteja modificado, mesmo que aquela pessoa não esteja lá eu sei que aquilo faz parte de um conteúdo que é a minha história e eu acho que o museu é um pouco isso ou deveria ser compreendido como um espaço assim de prazer, de conforto, independente das pessoas estarem aprendendo ou não, o aprendizado o conhecimento do objeto que está contido nele vem ao largo disso vem dentro dessa possibilidade [...]

Aqui ele fala mais uma vez da sua compreensão de museu e de como ele deve ser percebido: como espaço de prazer e de conforto e ressalta que criar essa possibilidade é um desafio grande, por que:

11. [...] porque essa memória de como a gente compreende o museu é ainda uma memória do século XIX, é uma coisa e de uma cultura que é tão nova e de coisas que se constroem e se destroem antes de serem construídas, que também é um

traço da cultura até de alguns extratos de indivíduos, de povos que formaram a nossa história, como deve ser esse espaço do museu então? Como é o espaço do museu onde existe uma população existe uma língua, que é uma língua completamente fluida e móvel, onde se fala uma língua unificada num país tão grande mas que ela é tão maleável, como é o espaço do museu num país onde culturas, índias por exemplo onde a memória é a memória contada, a memória não está no objeto construído, a memória não está em se manter um objeto vivo que é a função do museu, então esse país tem essas coisas todas então eu acho que até a ideia do que seria o museu no futuro para nossa cultura é uma coisa que ainda vai ser apreciada [...]

Para Baltazar, os mecanismos que terão de ser criados para o espaço do museu ainda não foram investigados, não como deveriam, e ressalta:

13. [...] tudo é precioso em um museu, é uma corrente, é um elo de coisas que estão ali juntinhas tanto faz, elas tem valores intrínsecos... então o desafio é esse ... o museu é esse conjunto de coisas e nós temos que pensar numa forma de fazer com que esse conjunto de coisas que estão guardadas no museu sejam reconhecidas pelos indivíduos [...]

Baltazar tem uma visão de que o museu não é um espaço para aprender coisas, mas para apreender coisas, que é diferente (fala 9), e fala sobre as visitas escolares:

15. [...] a escola vai solicitar uma visita ao museu e o museu vai disponibilizar um monitor para atender essa escola e vai ser recebido assim, ok... dentro desse

mecanismo meramente formal [...] mas desdobramentos de conceito de museu não tem [...]

E ele explica:

15.[...] Recentemente eu quis para discutir um pouco de um objeto que nós temos que é um ícone da pintura brasileira, além de todo o histórico em torno dele, do próprio museu, eu queria criar uma referência para discutir a questão simbólica no objeto de arte e de tudo que gira em torno dele [...] tornar um pouco mais palatável como objeto de arte que ele é... e eu senti muita dificuldade dos monitores até desdobrarem isso de tratarem, não há um posicionamento crítico em relação ao objeto [...]

Dentro da concepção de Baltazar, se os monitores “não dão conta” dos possíveis desdobramentos que podem ter os objetos, conseqüentemente, também não conseguem avançar sobre o entendimento do que é um museu.

E fala sobre a ação educativa:

89. [...] a visita monitorada, a monitora ou monitor que narra a história dos objetos para as crianças, as crianças vêem o objeto, elas constroem outras coisas, o museu precisa saber que ele está lidando com isso também, e eu acho que essas coisas é que fica, porque o conteúdo histórico eu busco, eu vou conduzir esse conteúdo depois, num determinado momento, o que o museu tem que fazer é atrelar o indivíduo a ele, as ações educativas deveriam ser voltadas para isso. Fazer claro a narrativa que está dentro dele mas também de um jeito que não fique uma coisa muito pesada, porque se não vira sala de aula [...]

Aqui ele reforça a sua concepção de que o museu não deve ensinar, não é escola, e que a narrativa tem que ser através dos objetos. E completa:

89. [...] o museu tem uma outra coisa que precisa ser desdobrada, e ela não pode ser sublimada, abandonada, ela não pode ser preterida pelos valores da história da coisa, do ícone, não é deleite, é cultura é muito mais interessante, e as vezes a condução dos monitores eu percebo isso, é maçante, ali de frente de *uma obra* [...], muitas vezes as crianças fazem indagações a respeito daquela pintura, que eu acho maravilhoso e surpreendente, é um descortinado [...] Na hora que o menino fala, toca isso ele está revelando o tão grave do nosso conhecimento da nossa história da nossa cultura. Tem uma outra coisa na visita entendeu... que as vezes as conduções das ações educativas não tangem, não tocam que é de fato o que eu estou vendo, o que é minha cognição assim, se relaciona com isso de que maneira que eu abro esse objeto para mim, e eu acho que toda pessoa que vem ao museu tem isso, eu imagino [...]

95. [...] o museu deveria criar ações educativas, que trouxessem a informação e a nossa cultura, trabalhassem essas questões, porque ai que seria o aspecto de formação interessante [...]

A ação educativa não faz o que ele acredita que deve ser feito, que é desdobrar o objeto, questioná-lo, ela não consegue trabalhar com a surpresa, com o não dito. Baltazar termina sua fala dizendo que a ação educativa precisa de algo mais, e que não consegue sair da previsibilidade.

Baltazar confere ao museu, além da preservação e da conservação, a necessidade ir “além disso”, por que ele só vai ser tratado da maneira adequada se as pessoas se sentirem parte dele, e vê isso como um desafio.

Para Baltazar, os mecanismos para o espaço do museu ainda não foram criados, nem investigados como deveria, para ele o museu ainda está por ser desvelado, poucos o compreendem em sua verdadeira vocação.

Quando fala da ação educativa, remete as visitas monitoradas. E tem uma visão muito particular dessas visitas, segundo ele, os monitores, “não dão conta” dos possíveis desdobramentos que podem ter os objetos, do entendimento do que é um museu, e também não conseguem passar para os alunos o que este espaço representa, que é o da fruição, da surpresa. Para Baltazar o museu não é escola, a narrativa tem que ser através dos objetos.

Quanto à ação educativa, aqui inferimos que a fala de Baltazar é crítica, revelando sempre uma insatisfação quanto à forma como as ações são conduzidas. Entretanto, Baltazar vai além e descreve a forma como ele acredita que deveria ser tal ação, procurando descrever um modelo de ação educativa que ele gostaria de ver acontecer. Ele fala da ação educativa sempre como um espectador, não como sendo alguém responsável por ela. Verificamos aí uma exclusão de si próprio no discurso, quando ele não se coloca como quem coordena esta equipe, isentando-se assim dessa responsabilidade. Por fim, ele avalia que a ação educativa que acontece no museu que dirige não é o modelo que acredita, mas deixa entender que no momento é o modelo possível.

Belchior
----------

2. [...] o museu, quando eu cheguei no museu [...], eu encontrei uma mesa vazia, apenas com um projeto dentro de uma mesa [...]

Belchior começa nos contando o que encontrou quando assumiu a direção do museu:

2.[...] Eu encontro a casa bastante assim...desabitada de acervo, de propostas de projetos, a comunidade não entendia muito bem o que ela significava, não saberia dizer a palavra exata agora....mas enfim a casa não estava inserida no contexto da comunidade [...] o que foi um desafio [...]

Na fala de Belchior, o museu não era reconhecido pela comunidade que estava inserido, do que podemos inferir que, para ele, um museu precisa deste reconhecimento, por isso justifica o fato de considerar que era um desafio dirigir aquela casa. O seu contato com o museu se deu através de uma ação que ele já desenvolvia com a comunidade. Quando Belchior começa a pensar a ação educativa, ele assume a direção do museu:

4. [...] e três dias depois de eu iniciar esse projeto de ação educativa, eu recebo a notícia de ter sido escolhido para ser o coordenador do museu, então assim... nunca pensei em trabalhar em museu nunca passou pela minha cabeça em dirigir um museu... aquilo caiu assim... eu não sabia se dizia sim ou não... mas já estava completamente encantado, envolvido, enfim, aceitei [...]

E, como diretor do museu, se viu em uma nova posição, tinha que pensar não mais em uma ação educativa para o museu, mas pensar o museu.

4. [...] E a minha primeira preocupação, antes de mais nada, como uma pessoa que morava na cidade, era realmente abrir as portas do museu e dizer para a cidade a que veio aquela casa [...] Então a primeira coisa que eu fiz foi pensar exatamente numa ação educativa, numa ação comunitária, algo que criasse um diálogo entre a cidade e o museu. A primeira idéia que me veio, já que não tinha recurso, e o acervo era muito pequeno também, foi dividir o museu em duas partes, [...] e as exposições começaram a trazer público para dentro do museu, as pessoas começaram a perceber que o museu tinha uma função dentro da cidade [...]

A necessidade de identificar o museu com a comunidade permanece forte na fala de Belchior, e aqui ele trabalha com o sentimento de pertencimento, e é com este sentimento que, mais uma vez, ele busca novas parcerias, agora com as escolas da cidade:

4. [...] então a gente começou a fazer um trabalho bastante intenso com as escolas, eu me lembro que nós fizemos, que foi uma coisa inédita, e os professores acharam que não ia dar certo, foi uma visita ao museu para alunos do pré. Crianças de 4, 5 anos. Todo mundo falava: esses meninos não vão entender nada, o que eles vão fazer no museu...e foi uma das visitas que eu mais gostei [...]

E o diálogo criado com a escola prossegue:

4. [...] e a gente começou a trabalhar com as séries do ensino fundamental, de 1ª a 4ª, eu fazia muita palestra nas escolas, levava livro... Era uma troca assim, eles conheciam o museu e a gente ia às escolas. E esses foram meus primeiros anos, foi esse período difícil de casar esses objetivos de um centro cultural, referenciar o mesmo com essa função que eu acho que o museu tem que ter, no âmbito da

comunidade, senão também ele perde o sentido, ficar uma coisa ali que não tem vínculo com cidade [...]

Nesse trecho temos uma situação que nos permite compreender aspectos da interface educativa Escola-Museu. Belchior também define o Museu como Centro Cultural, e reforça mais uma vez a sua crença do que é a função de um museu: não perder o vínculo com a comunidade. Para Belchior o diálogo entre o museu e a comunidade foi um caminho que se abriu paulatinamente. E fala sobre a visitação do museu:

12. [...] museu faz parte da programação da cidade e você tem sempre a presença de algumas pessoas de fora, agora a situação do museu na verdade ela é definida muito mais por quem solicita do que propriamente da gente apresentar um programa pronto. Por exemplo: se um grupo solicita uma visita, por que conhece ou está interessado no *museu*, ou quer apenas fazer um passeio pelo museu ele é atendido, normalmente sou eu que faço este tipo de visita por que eu tenho um conhecimento, nós não temos *uma equipe de ação educativa* [...]

A visitação do museu se dá de forma natural e podemos perceber que até o momento a ação educativa sempre foi uma prática do diretor do museu:

12. [...] Com as escolas por exemplo, quando o professor ligar e fala assim olha eu gostaria de desenvolver um trabalho no museu, então essa turma é recebida de uma forma diferente, por que eles vão com mais tempo, normalmente eu vou na escola anteceder a visita, levo vídeo faço um bate papo com essa turma, então quando ela chega ao museu ela já está informada, já conhece um pouco da obra, ela vai mais é vivenciar a experiência física mesmo, da organização do museu [...]

O seu trabalho é de formação de público, por que ele faz o acompanhamento que precede a visita, a visita e o desdobramento dela na escola:

12. [...] Depois eu acompanho esse trabalho que o professor faz, que é uma coisa muito legal também, e a gente põe esse trabalho no museu. Hoje ele é um museu que ele é um pouco espelho do trabalho de ação educativa realizado nas escolas pelos professores, que é uma coisa muito anônima, porque normalmente a comunidade nunca sabe o que acontece dentro dos muros das escolas, há bons trabalhos, há professores desenvolvendo projetos super bacanas que simplesmente não são vistos, porque permanecem dentro da escola esta é uma das propostas do museu: as exposições temporárias de curta duração que a gente faz, é muito voltada para esses trabalhos realizados na cidade [...]

A relação que o museu estabeleceu com as escolas e com a comunidade, é uma relação de valorização do trabalho mútuo, por isso ela abriu portas. Para Belchior, foi através da ação educativa que ele começou a criar vínculo com a comunidade. Considera, também, que um museu tem que dialogar com a comunidade, senão não há sentido dele estar ali.

E Belchior começou o seu trabalho estabelecendo esse diálogo. A ação educativa desenvolvida no museu é, pois, o seu ponto de referência. A relação que o museu estabeleceu com as escolas e com a comunidade é uma relação de valorização do trabalho mútuo e que veio a abrir portas.

As práticas educativas relatadas por Belchior são aquelas que valorizam a experiência do outro, incentivam à criatividade e a abertura de novos caminhos. Uma regularidade observada no depoimento do diretor é a

valorização do trabalho junto com a comunidade, seja ela da periferia ou escolar. Ele não desvincula o museu da comunidade em nenhum momento, e ressalta que a ação educativa que ele promove é uma ação comunitária. Um outro aspecto que percebemos é o fato de que ele se coloca como ator principal desta ação, que ele planeja e executa.

Belchior não deixa claro o que é museu, mas, pelo seu discurso, podemos inferir que, para ele, museu é um projeto político, e em determinados momentos define a casa como um centro cultural.

## Capítulo 4

---

### Considerações finais: pesquisadora, pesquisa, memória e ação educativa

“Considero que a museologia e os processos museais dependem de perguntas constantes e práticas reiteradas” ( BRUNO, Cristina, 1996 ).

#### 4.1 – Discussão dos resultados

Encontramos uma variedade de ações, e para diferentes públicos. Dizemos públicos, por que estamos considerando que diferentes tipos de público só se tornam um grupo se possuírem características que os agrupem de alguma maneira, como por exemplo: público escolar, familiar, entre tantos outros (STUDART, et al., 2003).

Os registros que consultamos começaram a ser produzidos na década de 1980, nosso primeiro registro é de 1984. Na bibliografia consultada, foi a partir desta década que os museus passaram a ser reconhecidos formalmente como instituições intrinsecamente educativas<sup>18</sup>. Constata-se, neste período também um aumento significativo do público escolar e um reconhecimento da importância de espaços culturais para os processos educativos.

---

<sup>18</sup> MARANDINO, Martha. Educação em museus: a mediação em foco, 2008.

Tivemos uma predominância de ações voltadas para o público escolar, elas estão presentes tanto nos documentos, quanto nas entrevistas. Esta faceta da ação se justifica, o fato dos museus terem como um dos seus principais públicos habituais as escolas, as demandas de ações para este público se faz mais presentes. Em pesquisas feitas sobre visitantes de museus<sup>19</sup> o público escolar é considerado um dos mais significativos em todo o mundo, seja pela quantidade, seja pelas ações organizadas para atendê-lo.

Percebemos nas ações registradas, uma forte influência da escola, as atividades que as crianças realizavam no museu, eram atividades muito parecidas com as atividades que a escola faz. A já tão falada escolarização dos museus (LOPES, 1992, p.443,445) é uma realidade, pelo menos da parte do museu, ele ainda se vê na complementaridade da escola. E se é complementar, significa que ele vai usar a mesma estratégia da escola para fazer a sua ação.

Ao longo da pesquisa que realizamos a preocupação de se ter uma relação de parceria com a escola apareceu em todos os momentos. Nos discursos que pesquisamos, seja nos documentos seja nas entrevistas, os dois registram a importância desta parceria.

Tivemos também, ações voltadas para grupos de terceira idade e para deficientes visuais, em diferentes períodos, o que demonstra uma preocupação com este público também.

A ação desenvolvida pelas equipes dos museus é registrada de diferentes formas. Cada um dos discursos registra esta ação de uma maneira. Dependendo a quem é dirigido o discurso, ele dá ênfase a uma

---

<sup>19</sup> STUART, D; MORTARA, A; VALENTE, M.E; Pesquisa de público em museus: desenvolvimento e perspectivas. In; Educação e museu: A construção do caráter educativo dos museus de ciências, 2005

faceta. Nos documentos, por exemplo, representados pelos relatórios anuais de atividades, a ênfase é na quantidade das ações feitas, e no número de público atendido. Aqui, o que o interlocutor quer saber é se as metas e os propósitos educacionais, firmados para aquele ano foram atingidos.

#### *4.1.1 - Cruzando informações*

Quando contrastamos o que cada diretor pensa a respeito do que deve ser um museu, percebemos que há consenso em considerar o museu como um lugar de memória e de conservação; que o museu precisa do reconhecimento da comunidade na qual está inserido; e que o sentimento de pertencimento é fundamental para que isso aconteça. Os três gestores apresentam esses pontos de vista em seus discursos.

Belchior e Gaspar deixam muito claro que promover a participação dos moradores da cidade nas atividades é fundamental para a sustentabilidade do museu e que é através da ação educativa que se este trabalho é realizado.

Para eles a ação educativa tem um aspecto linear: a musealização, a didatização dos objetos, e a dicotomia de ser um objeto material ou imaterial e a disponibilização. Mas no discurso, cada um enxerga a sua ação de uma forma. Baltazar é crítico, para ele a ação educativa praticada está longe do ideal. Belchior tem a sua ação educativa como um exemplo. E Gaspar, vê a ação educativa como uma ação mais voltada para público escolar. É um desafio investigar esse objeto, pois as estratégias sempre serão muito variadas, e cada uma pensada e adequada à realidade de cada instituição e de cada educador envolvido.

## 4.2 – Revisitando a ação

Em março de 2006 conheci a Superintendência de Museus da Secretaria de Cultura de Minas Gerais, através de um projeto de pesquisa com a Associação de Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa, museu que a SUM administra. A partir da minha participação nesse projeto, em setembro desse mesmo ano fui convidada para trabalhar na Superintendência de Museus, na Diretoria de Difusão Museológica na ação educativa e comecei meu trabalho com a preparação de um curso para formação de professores.

O curso foi oferecido no Museu Mineiro, duas vezes por semana, nos meses de outubro, novembro e dezembro, atendendo 240 professores da rede pública e privada de Belo Horizonte e municípios integrantes da Grande BH (Matozinhos, Capim Branco, Brumadinho, Contagem, Ribeirão das Neves, Santa Luzia, Vespasiano, Caeté, Lagoa Santa, Raposos e Sabará).

Esse curso foi de fundamental importância, pois foi através dele que eu comecei efetivamente a trabalhar com ação educativa em museus. Como professora formadora do curso, preparei-me com muita leitura sobre a área museológica. O curso se desenvolvia em dois momentos: O primeiro referente à parte teórica, e o segundo referente à parte prática, que era uma visita ao Museu. À medida que o curso foi avançando, eu também fui me formando junto com os professores, muitas de suas dúvidas eram também as minhas, e assim fui buscando cada vez mais informações sobre este campo, que a partir de então passou a ser o meu campo. O curso também foi oferecido em Cordisburgo no MCGR. Em sua etapa final, através das

avaliações, o curso teve uma ótima aceitação. Já no início do ano de 2007, parte da dinâmica da ação educativa consistia na preparação de uma carta convite para ser enviada às escolas das redes estadual, municipal e particular. As monitorias das visitas eram realizadas por estagiários, e eu também atendia as escolas. A SUM apresentava uma dinâmica grande, e na nossa diretoria havia poucos funcionários, o que fazia com que todos trabalhassem em todas as demandas que surgiam.

Elaborar programas para a ação educativa, participar da construção de planejamentos museológicos, enfim, foi um período que me possibilitou muitas oportunidades de aprendizado, como a viagem que fiz para o Vale do Jequitinhonha com a SEC - Secretaria de Cultura - para discutir sobre a implantação do Museu de Percurso do Vale do Jequitinhonha. Participava de vários eventos da área museológica, estava sempre preparando novas atividades, como o lançamento do livro: Escola e Museu: Diálogos e práticas. O Museu Mineiro desenvolvia vários projetos, e estes projetos envolviam sempre uma oficina de ação educativa, como o Projeto “Território”, que foi um projeto muito inovador e exigia a participação do setor educativo, pois ele mexia com toda a exposição do museu; o projeto “Museu Guardas” é outro exemplo, que foi um projeto que trabalhava com as guardas de congado e folia de reis do nosso estado e que acontecia sempre em um domingo de cada mês. Nesse projeto acontecia também a oficina de recorte de papel de seda com as crianças das guardas convidadas e do público visitante, objeto de enfeite dessas guardas.

A semana de museus também demandou muito trabalho para a ação educativa, e foi nela que tive a oportunidade de trabalhar no MCG.

Programamos e executamos uma gincana com as escolas de Ouro Preto - a criatividade dos alunos, as pessoas que se envolveram, profissionais de outros museus da cidade, em suma, foi uma experiência muito especial. A SUM promoveu, em parceria com o Palácio das Artes e com o IPHAN, três oficinas, uma em cada mês, agosto, setembro e outubro de 2007. Terminava uma já tinha que organizar a outra, com divulgação, inscrições, avaliações, relatórios, e junto; escolas para atender, as demandas dos museus do interior, a dinâmica de sempre.

O curso de formação de professores teve a sua segunda versão em 2007, nos mesmos moldes do primeiro, duas vezes por semana, sendo oferecido no MM, durante três meses novamente, em outubro, novembro e dezembro. Organizamos também três vídeos - conferências, uma parceria entre a Superintendência de Museus e a Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Minas Gerais. Uma sobre Plano Museológico, Gestão e organização de Museus, com o professor Mário Chagas; A segunda referente à Elaboração de Projetos e fomento para a área Museológica, com o Técnico do IPHAN, Átila Tolentino; E a terceira, sobre Ação Educativa em Museus, com a professora Magaly Cabral.

A SUM também é solicitada para palestras, e eu apresentei uma palestra sobre "Museus e turismo" na Escola de Educação Física Fisioterapia e Terapia Educacional da UFMG, como atividade pedagógica da Disciplina Teoria do Lazer, e esta foi uma das minhas últimas ações na SUM, quando então eu me afastei para realizar esta pesquisa de mestrado que veio a demandar um olhar diferenciado para aquela ação que me ensinou tanto, e que agora era meu objeto de pesquisa.

Hoje percebo, que quem executa a ação educativa tem pouco tempo para reflexão, é sempre uma preocupação constante de fazer mais e mais. Assim, fazendo uma retrospectiva da minha atuação, percebo o quanto passou despercebido por mim. Agora na pesquisa, analisando os registros documentais da ação educativa da SUM, percebo que a junção entre pesquisa e prática se torna necessária para o nosso campo. As práticas são muitas, e realizadas na maioria das vezes com base na intuição e na experimentação. Em um ano e cinco meses de trabalho na SUM, vários momentos ficaram guardados na minha memória, como a semana Roseana em Cordisburgo, que foi um trabalho marcante, foi um aprendizado. Um outro momento marcante foi uma escola que atendi no MM, eram crianças na faixa etária de 9, 10 anos, e no meio da visita, uma delas me disse: “quando disse para minha mãe que iríamos visitar um museu, ela me disse que eu ia ver um monte de coisas velhas...mas vejo aqui, bem, para mim tudo é novo, pois nunca tinha visto nada disso antes”. Foi um momento muito especial, onde tive a oportunidade de explorar a visita por esse viés, que lugar era aquele que eles estavam conhecendo, discutimos que velho e novo depende de pontos vistas diferentes, como o dela e o da mãe dela.

São momentos importantes que não estão registrados nos documentos. Sempre registramos o que seremos cobrados depois, e talvez esteja ai uma justificativa para o fato da maioria dos documentos encontrados serem relatórios quase que “estatísticos” das ações.

### 4.3 – Conclusão

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em identificar, na documentação pesquisada, os registros que a Superintendência de Museus da Secretaria de Cultura de Minas Gerais tem sobre a ação educativa que desenvolve junto aos museus que coordena. Acredita-se que este objetivo foi alcançado.

Os registros são representados pelos relatórios de atividades feitos em sua maioria pelos gestores dos museus e endereçados a SUM. Um outro registro é o relatório geral feito pela SUM, e endereçado a SEC. Percebemos então que os registros são documentos oficiais, sempre endereçados ao financiador. A ação educativa que os documentos nos apresenta é uma ação que, dependendo de quem é o enunciador, tem uma face, e assim vão se construindo várias facetas de uma mesma ação.

E uma faceta muito presente nos documentos é a ação educativa como complemento da escola, e se ela é complementar, isto significa que usou as mesmas estratégias da escola. Foi o que constatamos em algumas atividades que as crianças fizeram durante as visitas realizadas nos museus.

Nas entrevistas, que realizamos, percebemos também uma variedade de facetas, cada gestor percebe a ação de uma maneira, temos uma ação que não corresponde às expectativas do gestor, uma outra ação educativa que é exemplar na fala do seu coordenador, e uma ação educativa que segundo o coordenador, ela só atinge seus objetivos, quando realizada com as escolas.

Na memória da pesquisadora, tivemos mais uma pluralidade de ações, estas mais voltadas para a formação de agentes, com palestras e cursos de formação, outras facetas da ação educativa.

Percebemos uma variedade de ações, sempre na tentativa de saber como melhorar a relação com o interlocutor, seja ele escolar ou não. Diversas discussões feitas, como Falk e Dirking, 1992 ; 1995, Born et al., 1997; Borun,1995; Falcão 1999; Cazelle et al. 1997; Gilbert,1995; Falcão et al., 1998; Marandino et al, 1998, Gaspar, 1993; Hooper-Greenhill 1994; Lopes, 1991; Moura Santos, 2002; Gouveia, et al, 2005; Nascimento, 2005; Sales et al, 2007; Marandino, 2008; Nascimento, 2008; dentro outros, tem demonstrado um avanço das pesquisas relacionadas à temática. E estas pesquisas são unânimes em dizer que este ainda é um campo a ser explorado com maior profundidade.

Como anunciamos no início da pesquisa, tínhamos por hipótese de ser uma ação com várias facetas. Nossa hipótese se confirmou, ela é uma ação multifacetada. E tratar com este objeto é um desafio, pois como percebemos também, ela ainda está com o paradigma da escolarização dos museus. Esta faceta permeou toda a documentação, as entrevistas e a memória. E como quebrar este paradigma? No nosso entendimento, é trazer o paradigma da complexidade para dentro do museu. Este objeto precisa ser tratado de outra forma, como um objeto transdisciplinar que ele é, a literatura aponta, mas como objeto complexo, a literatura não aponta.

Tanto é assim que, os documentos e as entrevistas, nos revelaram ações complexas, como a da Jeanne Milde, de 1984, ação esta realizada no MM, onde conseguimos ter toda documentada, inclusive com os trabalhos

desenvolvidos pelas crianças durante a visita, e dentre eles, 60 questionários com perguntas sobre a exposição e sobre museus, todos respondidos pelas crianças.

E na ação do MCG, muito rica sob vários aspectos, encontramos o Projeto Papo de Criança, que não é do século XXI, é uma ação do século XX, e que é extremamente inovadora. Tivemos acesso a mais de 100 fitas de áudio com a gravação dos programas feitos na Rádio Cultura de Ouro Preto, 2 fitas de vídeo, com os 4 programas de TV, gravados ao vivo. E a localização dos atores dessa ação, pois a maioria continua morando em Ouro Preto.

Nossa pesquisa teve a intenção de saber quais ações foram registradas, respondeu esta pergunta, mas os questionamentos que surgiram no decorrer da pesquisa, e os registros encontrados destas ações, não podem ser ignorados.

Para responder o que a SUM, fez nestes 25 anos de ação educativa, acreditamos que, se investigarmos as ações do MM, e do MCG, avaliando estas ações que foram localizadas, os documentos dos atores, a quem se dirige este discurso, responderemos esta pergunta com mais propriedade. Consideramos que a continuidade de análise deste material se faz necessária, colocando novas perguntas sobre os participantes. Avaliar os discursos segundo os atores envolvidos no processo, acreditamos possibilitar um retrato bem mais completo dessa ação, e responderemos na visão desses discursos o que foi a ação educativa da Superintendência de Museus da Secretaria de Cultura da Estado de Minas Gerais nesses 25 anos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, R. Síndrome de museus? In: Museu de Folclore Edison Carneiro. Rio de Janeiro: Funarte, 1996.. Série Encontros e Estudos.

ABREU, R.; CHAGAS, M.; SANTOS, M.S; museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas. Coleção Memória e Cidadania. Garamond Universitária,2007.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAIDER, F. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo, Pioneira, 2000.

ALHO,C.J.R. A redescoberta dos museus.Ciência hoje,v.13,nº73,jun.1991.

ARENDT, H. O que é política? Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2004

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Ed. 70, 1977.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Trabalho de campo: entrevistas. In: Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994, p.134-139. Original em inglês.

BOURDIEU, P. A miséria do mundo. Editora Vozes. 5ª Edição. Petrópolis. 2003

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia. V.5.2.ed. Rio de Janeiro:DP&A, 2000.

BRASIL. Política Nacional de Museus: Memória e cidadania. Ministério da Cultura.IPHAN, Brasília, 2003.

BRUNO, C. Museologia e Museus: princípios, problemas e métodos.Cadernos de Sócio-museologia, Lisboa:ULTH , n.10,1997.

CABRAL, M. Educação em Museus como produto: Quem está comprando? (Conferência de Nairobi,2002), Boletim Ceca-Brasil, nº1,2002.

CAZELLI, S. Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: Quais as relações? Tese de Doutorado em Educação Brasileira, Programa de Pós Graduação em Educação Brasileira, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-(PUC-Rio) 2005.

CAZELLE, S.; MARANDINO, M.; STUDART, D.; Educação e Comunicação em museus de ciência, aspectos históricos, pesquisa e prática.In: Educação e Museu: a construção da caráter educativo dos museus de ciência. Ad. Acces, Rio de Janeiro, 2003.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS – Conferência Geral, 1989.

COSTA, C. B., NASCIMENTO, S. S. Um final de semana no Zoológico: um passeio educativo? Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências, [online] Disponível na Internet via <http://www.fae.ufmg.br/ensaio>, v. 4, n. 1, jul 2002. Arquivo capturado em agosto de 2005.

COSTA, J. P. Ensinando a ser cidadão: Memória Nacional, História e Poder no Museu da Inconfidência (1938-1990) Dissertação de mestrado.FAFICH . UFMG. Belo Horizonte, 2005.

CHAGAS, M. S. O museu casa como problema:comunicação e educação em processo. Anais do II Seminário sobre Museus-casa [comunicação e Educação] Rio de Janeiro:Fundação Casa Rui Barbosa,1998.

CHAGAS, M. S. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação. In: Revista eletrônica do IPHAN- Educação Patrimonial, nº 3 Jan / Fev. de 2006.

CERAVOLO, S. M.; TÁLAMO, M. F. Os Museus e a representação do Conhecimento: Uma retrospectiva sobre a documentação em museus e o processamento da informação. VIII ENANCIB – Encontro Nacional de

Pesquisa em Ciência da Informação – 28 a 31 de outubro de 2007 – Salvador  
– Bahia – Brasil -

DICIONÁRIO Moderno da Língua Portuguesa, Michaelis, 2001.

DICIONÁRIO Aurélio da Língua Portuguesa, 1993.

ERICKSON, F. Métodos qualitativos de investigación sobre la enseñanza, II-  
Métodos Qualitativos y de Observación – Ediciones Paidós – Barcelona,  
1989.

FERREZ, H. D. , BIANCHINI, M. H. S. Thesaurus para acervos museológicos. Rio  
de Janeiro. Fundação Nacional Pró-Memória, Coordenadoria Geral de Acervos  
Museológicos, 1987.

FIGUEIREDO, B.G.; VIDAL, D. G. Museus: dos Gabinetes de Curiosidade à  
Museologia Moderna. Belo Horizonte: Argumentvm, 2005.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro: Paz e Terra-1997

GOUVEA, G., MARANDINO, M., LEAL, M. C. [orgs.]- Educação e Museu :A  
construção Social do Caráter Educativo dos Museus de Ciências-Rio de  
Janeiro, Access, 2003.

Houaiss, A. Dicionário da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, 2001.

HORTA, M. L. P. Vinte anos depois de Santiago: A declaração de Caracas- 2002. In.  
A memória do pensamento museológico contemporâneo- documentos e depoimentos.  
São Paulo: Comitê Nacional Brasileiro do ICOM, 1995.p.32-35.

HORTA, M. L. P. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do  
Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial. 1999.

IPHAN/DEMU. Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia. Rio de  
Janeiro: IPHAN, Ano I. 2004, v.1, Nº1.

IPHAN/DEMU .Musas - Revista Brasileira de Museus e Museologia . Rio de  
Janeiro:IPHAN, Ano II. 2006.v.2, Nº 2.

IPHAN/DEMU .Musas - Revista Brasileira de Museus e Museologia . Rio de Janeiro:IPHAN, Ano III. 2007.v.3, Nº 3.

JULIÃO, L. Apontamentos sobre a história do museu. IN: Cadernos de Diretrizes Museológicas. SEC-SUM-MG – Ministério da Cultura -IPHAN, Brasília: 2006 2ª ed.

LE GOFF, J. Documento/Monumento. In: Enciclopédia Einaudi. V. 1, p. 95-106.

LUDKE, M.; e ANDRÉ, M.E.D.A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. Ed. EPU, São Paulo, 1996.

LOPES, G. C. L. R. Práticas de leitura e educação científica: um olhar sobre os “Contadores de Estórias Miguilim. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.

LOPES, M. M. A favor da desescolarização dos museus. In: Educação e Sociedade, Vol. 3, nº 40, Campinas, 1991.

MACHADO, A. M. A. “Cultura, Ciência e Política: olhares sobre a história da criação dos museus no Brasil” In: Museus: dos Gabinetes de Curiosidade à Museologia Moderna. [Orgs] FIGUEIREDO, B.G.; VIDAL, D. G. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2005.

MARANDINO, M. O conhecimento Biológico nas Exposições de Museus de Ciências: Análise do processo de construção do discurso expositivo. Tese de Doutorado. FEUSP, USP, São Paulo, 2001. e suas metodologias. Ed. Unijuí, 2006.

MARANDINO, M. Perspectivas da pesquisa educacional em museus de ciência. In: SANTOS, F.M.T. dos. GRECA, I.M.( orgs.) A pesquisa em ensino de ciências no Brasil.

MENEZES, U. B. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. In: Revista Ciências e Letras, Porto Alegre, n 27, p 6190, jan/jun/2000.

MORTARA, A. Avaliação de Ações Educativas em Museus. In: 1º Encontro das Ações Educativas em Museus da cidade de São Paulo: 2006. site: [www.forumpermanente.incubadora.fapesp.br](http://www.forumpermanente.incubadora.fapesp.br)

MORAES, E. J. Modernismo revisitado. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1988.

Museu e Educação: Conceitos e Métodos. Ciências e Letras, Porto Alegre, nº31; Jan./Jun.2002

NASCIMENTO, S.S. et all (2002) Projeto Museu e Escola. Relatório de Atividades. Mineo.FAE.UFMG.

NASCIMENTO, S. S. “O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus” Museus: In: Dos Gabinetes de Curiosidade à Museologia Moderna.[Orgs] FIGUEIREDO, B.G.; VIDAL, D. G. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2005.

NASCIMENTO, S. S.; WEIL-BARAIS, A.; DAVOVS, D. Diferentes fazeres, diferentes saberes: a ação de monitores em espaços não-escolares. Ensaio, v.5, n. 2, p. 28 – 38, 2002.

NASCIMENTO, S. S e VENTURA, P. C. Mutações na construção dos Museus de Ciências. In: Revista Pro-Posições, vol 12, n1 (34): Faculdade de Educação – Unicamp, Campinas, 2001

ORLANDI, E. P. A Leitura Proposta e os Leitores Possíveis. In: A Leitura e os Leitores.[Org] Eni P. Orlandi – Campinas S.P. Editora Pontes .2003- p.7 à 24.

OLCINA, P. The development and coordination of museum documentation by international agencies. In: LIGHT, Richard (Org.). Museum documentation systems: developments and applications. 1986. cap. 30, p. 307-314.

PINHEIRO, L. V. R. Arte, Objeto Artístico, Documento e Informação em museus.

PARK, M. B. e FERNANDES, R. S. [orgs.] Educação Não Formal: contextos, percursos e sujeitos- Campinas- Holambra. SP: Ed.Setembro,2005.

PARK, M. B., e FERNANDES, R. S.,CARNICEL, A.[orgs] Palavras Chaves em Educação Não Formal: Holambra, SP. Ed. Setembro; Campinas, SP: Unicamp / CMU,2007

PEREIRA, J. S. et al. Escola e Museus: diálogos e práticas. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura / Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais / CEFOR, 2007.

POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS: Relatório de gestão 2003- 2006. Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional , Departamento de Museus e Centros Culturais.[Brasília]:MinC/IPHAN/DEMU,2006.

PINHEIRO, L. V. R. Arte, Objeto Artístico, Documento e Informação em museus.2004.

RAMOS,F. R. L. A Danação do Objeto:O Museu no Ensino de História.Chapecó: Arco, 2004.

SANTOS, M.C.M. Museu, Escola e Comunidade:uma integração necessária, 1988.

SANTOS, A. C. M. Memória-cidadã: história e patrimônio cultural. Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, v. 29, 1997.

SAMARA, E. M. e TUPY, I. S. S. T. História & Documento e metodologia de pesquisa. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DE MINAS GERAIS. Superintendência de Museus; [online] Disponível na internet via <http://www.cultura.mg.gov.br/museus>. Arquivos capturados em outubro de 2007.

SIMAN, L. M.C. Práticas culturais e práticas educativas: aproximações e especificidades no ensino de história. In: Revista do Laboratório de Ensino de História. Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina – Volume 1. Londrina Ed. UEL, 1995.

SIMAN, L. M. C. “Práticas Culturais e Práticas Educativas: contribuições para reflexão a partir do caso projeto Museu e Escola da UFMG” Anais do Seminário de Capacitação Museológica. Belo Horizonte: Instituto Flávio Gutierrez, 2004.

SBARRA, M. Obsevação incorporada e Análise do Discurso no contexto da Pós – modernidade: Revisão crítica da contribuição da grupo ProLUGAR para a Avaliação Pós-ocupação e para a Pesquisa em Arquitetura. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU,2007.

SUANO, M. In: O que é Museu. Editora Brasiliense: São Paulo, p.28, 1986.

VASCONCELLOS, C. M. Mediação para jovens em museus. In: 1º Encontro das Ações Educativas em Museus da cidade de São Paulo: 2006 – site: [www.forumpermanente.incubadora.fapesp.br](http://www.forumpermanente.incubadora.fapesp.br)

VALENTE, M. E. A conquista do caráter público do museu. In: Educação e Museu: A construção do Caráter Educativo dos Museus de Ciência.2003.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. São Paulo. Martins Fontes, 1993, 135 p.

VIEIRA, R. D. Situações argumentativas na abordagem da natureza da ciência na formação inicial de professores de física. 2007, 175 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais.



# ANEXOS

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Autorização da participação, sem revelação do nome das pessoas adultas envolvidas na pesquisa

A Professora Dr.<sup>a</sup> Sylvania Sousa do Nascimento do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da Faculdade de Educação – UFMG – e a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria José Pereira Monteiro de Almeida do Departamento de Práticas Culturais da Faculdade de Educação da UNICAMP solicitam a minha autorização para participar no estudo intitulado: **“Origens e propósitos de museus de Ciências da cidade de Belo Horizonte - Minas Gerais”**. O presente projeto visa compreender os discursos de 15 museus de Ciências de Belo Horizonte presentes na documentação de instalação e na fala de seus gestores, focalizando principalmente origens e propósitos declarados.

Os resultados desta pesquisa só poderão ser divulgados futuramente em veículos e eventos acadêmicos como congressos e periódicos. Assume-se o compromisso de não publicar e divulgar os resultados da pesquisa em veículos de circulação em massa como jornais e revistas.

Será garantido a mim total liberdade para solicitar esclarecimento de qualquer dúvida em relação à pesquisa ou a minha participação, antes ou depois da minha autorização. Todas as dúvidas deverão ser esclarecidas pelos membros da equipe responsável, pessoalmente durante toda a pesquisa.

Caso surjam quaisquer problemas, além de contactar a coordenadora da pesquisa (Sylvania Sousa do Nascimento) poderei também entrar em contato com o Comitê de Ética da UFMG: Av. Antônio Carlos, 6627, CEP 31270-901, Unidade Administrativa II, 2º andar, fone: 34094592, fax 34094027, e-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br)

*Nestes termos, eu \_\_\_\_\_ aceito voluntariamente participar desta pesquisa. Portanto, concordo com tudo que está escrito acima e dou meu consentimento, pois estou ciente dos objetivos da pesquisa.*

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2008.

Nome do participante: \_\_\_\_\_.

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_.

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_.

**Coordenadora:**

Sylvania Sousa do Nascimento: tel (31) 3409-6207